

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

U.PORTO

Um novo espaço público da cidade de Albergaria-a-Velha

Bruna Melo

Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto,
Abril 2017

Trabalho realizado sob a orientação científica:

Prof. Doutora Maria Teresa Saraiva Pires da Fonseca Dias da Fonseca

Resumo

Numa cidade a quantidade e a qualidade dos seus espaços públicos determinam em grande medida a melhor qualidade urbanística da mesma. Ainda em relação a esses espaços, importa que se proporcionem as condições favoráveis a uma relação de bem-estar na interação que se estabelece entre os vários elementos arquitetónicos dos mesmos e as pessoas que deles usufruem.

Neste trabalho foi elaborado um estudo do espaço público de uma cidade Portuguesa, neste caso a cidade de Albergaria-a-Velha situada no distrito de Aveiro. Através de várias ferramentas, como pesquisas bibliográficas e de arquivo, entrevistas, e elaboração de maquete de projeto, efetuou-se uma análise detalhada dos dois principais espaços públicos da referida cidade – a Praça Ferreira Tavares e a Praça da Alameda 5 de Outubro. No decorrer do trabalho foi efetuada uma análise dos espaços de acordo com diversos pontos de vista.

Como resultado deste estudo, conclui-se pela necessidade e importância de se tomarem algumas medidas de foro arquitetónico que possam de algum modo dinamizar e revitalizar os referidos espaços públicos carismático e centrais da cidade, uma vez que da análise realizada se constatou que estes espaços estão gradualmente a transformar-se em espaço “mortos” no atual contexto do tecido urbanístico da cidade em causa.

Abstract

In a city the quantity and quality of its public spaces determine to a great extent the best urban quality of it. Still in relation to these spaces, it is important to provide the favorable conditions for a well-being relationship in the interaction between the various architectural elements of those spaces and the people who enjoy them.

In this work a study of the public space of a Portuguese city was elaborated, in this case the city of Albergaria-a-Velha in the district of Aveiro. Through several tools, such as bibliographical and archival research, interviews, and elaboration of a project, a detailed analysis of the two main public spaces of the city was carried out - Praça Ferreira Tavares and Praça da Alameda 5 de Outubro. In the course of the work, the spaces were analyzed according to different points of view.

As a result of this study, it was concluded that it is necessary and important to take some architectural measures that could somehow energize and revitalize the charismatic and central public spaces of the city, since the analysis carried out showed that these spaces are gradually becoming "dead" spaces in the current context of the urban mesh of the city in question.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a disponibilidade da Professora Teresa Fonseca para orientar esta minha dissertação, bem como todo o seu empenho e dedicação durante a realização da mesma. Sem ela por certo que não teria conseguido chegar a bom porto.

Os meus agradecimentos à minha mãe e aos meus irmãos por toda a ajuda e paciência que tiveram comigo ao longo desta etapa, e acima de tudo por todo o carinho que sempre tiveram para comigo e o qual tornou esta minha caminhada mais fácil.

Um agradecimento especial também ao Ciro Alexandre por todo o apoio, ajuda e opiniões que me deu durante todo o percurso de realização deste trabalho, bem como por toda a sua paciência para comigo.

A todos os meus amigos que me apoiaram e ajudaram, e que me fizeram acreditar que eu conseguiria, não me deixando nunca desistir.

Finalmente, o meu agradecimento à Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha pela disponibilização de todos os materiais de estudo que utilizei durante este meu trabalho, bem como a todos as pessoas da instituição (Presidência, Vice-Presidência, Gabinete de Arquitetura, Arquivo Municipal, Biblioteca) que disponibilizaram muito do seu tempo para que fosse possível a realização desta dissertação.

Índice

1. Introdução.....	11
1.1. Enquadramento do Tema.....	11
1.2. Metodologia de Trabalho.....	12
2. O Espaço Público e a sua Identidade	16
3. Enquadramento do Espaço da Cidade.....	18
3.1. Praças Municipais e o Antigo Mercado Municipal.....	18
3.2. História da Praça Ferreira Tavares.....	20
3.3. História da Praça da Alameda 5 de Outubro	22
3.4. Formas de Equipamentos	27
3.4.1. Igreja Matriz.....	27
3.4.2. Edifício da Câmara Municipal	28
3.4.3. A Linha Ferroviária e a Estação.....	30
3.4.4. Cineteatro Alba.....	31
3.5. Património Arquitectónico Histórico.....	37
4. História do Concelho.....	43
4.1. Evolução e Distribuição da População	43
4.2. Estrutura da População por Grupos de Idades.....	45
5. O Espaço Público da Cidade	47
5.1. Caracterização Morfológica	47
5.1. Materialização Urbanística	56
5.2. Tendências Urbanísticas	60
5.3. Elementos Arquitectónicos de Caracterização da Cidade	64
5.4. Análise Comparativa do Espaço Público	85
5.5. Tecido Urbano: Lã e Algodão	93
6. Conclusões	96
Referências Bibliográficas	103
Referências de Imagens	104
Anexos	108
Anexo I - Relatório da Visita à Secção Urbanística da Câmara Municipal	108
Anexo II - Entrevistas Realizadas aos Arquitectos da Câmara Municipal	109
Anexo III – Plantas e Alçados da Câmara Municipal	112
Anexo IV – Entrevista aos Comerciantes das Praças.....	113
Anexo V – Festival de Flores em Albergaria-a-Velha	114

1. Introdução

1.1. Enquadramento do Tema

Atualmente, e em termos arquitetónicos, na relação do espaço público com os restantes elementos circundantes, entre os quais os humanos, é cada vez mais necessário ter em conta os vários fatores que tornem esse mesmo espaço confortável e ao mesmo tempo fomentem uma forma de viver mais feliz. Deste modo é imperativo encontrar novas formas de otimizar a atratividade e as amplitudes de abrangência dos espaços públicos, para que os mesmos possam acolher e fomentar estilos de vida mais ricos e seguros tendo em conta as condicionantes sociogeográficas, bem como a própria definição de conforto que será fundamental como alargamento do conceito de utilidade.

Por outro lado, é importante que se proporcionem as condições favoráveis a uma relação de bem-estar na interação que se estabelece entre os vários elementos arquitetónicos do espaço público e as pessoas que dele irão usufruir. Por exemplo, é frequente a existência de situações em que viaturas e outros dispositivos impedem que os edifícios sejam interessantes e facilmente acessíveis mesmo quando se utilizam espetaculares efeitos arquitetónicos. Mais importante que as possíveis combinações de contexto de cores e formas é a existência de pessoas nos espaços. De facto, onde quer que exista a presença de pessoas é certo que as mesmas e as atividades humanas por elas geradas acabam por atrair outras pessoas para os referidos espaços.

Mais ainda, e na questão da segurança e das condicionantes sociogeográficas, verificamos que a problemática da educação é um dos fatores preocupantes. Por exemplo, na sua forma de educar, cada vez mais a proteção imposta pelos pais é tal que impede que as crianças possam usufruir do espaço público de uma forma normal, natural e saudável, o mesmo acontecendo com os idosos. E muito embora Portugal não seja o país onde esta problemática seja mais acentuada, este é um fator onde existe margem para aproveitamento e melhoria das possíveis interações e relações entre o espaço público e os elementos que lhe estão associados.

Em muitas cidades de Portugal nem sempre tem existido uma lógica coerente de crescimento. Tendo em conta a realidade da cidade de Albergaria-a-Velha, a qual é objeto de análise do presente trabalho, verifica-se que neste caso a mesma apresenta um visível crescimento urbano. No entanto, importa perceber se este crescimento teve, ou tem, em conta os fatores anteriormente referidos, aquando do planeamento da expansão da malha urbana da cidade, e em especial no que diz respeito aos espaços públicos que nela existem e a representam. De facto, e apesar da evolução histórica e temporal, verifica-se que a dinâmica de crescimento e adaptação dos espaços públicos não acompanhou o restante movimento de expansão da cidade, limitando-se os mesmos à existência das duas principais praças situadas na zona central da cidade: a Praça Ferreira Tavares e a Praça Alameda 5 de Outubro. Prova disso é o facto de que ainda hoje a praça reconhecida pelos habitantes da cidade continuar a ser esta última, também vulgarmente designada por Praça Velha. Isto porque, no processo de expansões não surgiu nenhum outro espaço público suficientemente representativo ou com identidade própria e reconhecida como tal.

O presente trabalho teve assim como principal objetivo efetuar uma análise, segundo diversas vertentes, do espaço público da cidade de Albergaria-a-Velha, de modo a dar resposta à seguinte questão - como descobrir, através da análise do projeto dos referidos espaços públicos, quais os fatores que influenciaram e influenciam a interação dos cidadãos com esses mesmos espaços.

Para responder a esta questão, abordaram-se vários tópicos, com destaque para os seguintes:

- Compreensão do tecido urbano da zona central de Albergaria-a-Velha e das relações entre os seus elementos morfo tipológicos (Hall, 1986);
- Interação entre as características dos espaços e as atividades neles disponíveis (Gehl, 2006);
- Orientação e organização de um espaço (Távora, 2006);
- Distribuição espacial - do edifício à rua, ao jardim, à praça;
- Conforto vs utilidade;
- Diferenças texturais e a sua perceção (sentir o espaço) (Pallasmaa, 2005);
- Abordagem e complemento dos tópicos anteriores com base em experiências pessoais em diferentes contextos culturais;
- Descoberta dos esquemas internos individuais subentendidos nos percursos das pessoas no espaço estudado para sua organização (Hall, 1986);
- Identificação de emoções com base nos diferentes elementos do espaço em estudo;
- Utilização das emoções e convivência como objeto de valorização do espaço público (Gehl, 2006);
- Valorização de conteúdos no espaço público (Bachelard, 1993).

Este elenco de questões constitui a base para a análise do espaço público da cidade de Albergaria-a-Velha, e a identificação de possíveis aspetos e considerações a ter em conta em eventuais planos de expansão do tecido urbano da cidade.

1.2. Metodologia de Trabalho

Este trabalho foi desenvolvido numa perspetiva de análise teórica do espaço público em causa, complementada sempre que possível por uma vertente prática, tendo em conta o projeto de urbanismo e arquitetura da cidade estudada.

Tal como referido anteriormente, a análise incluiu os seguintes pontos:

- A identidade de um espaço público;
- Enquadramento do espaço na sua envolvente tanto histórica como física;
- Reflexão sobre o espaço público e as suas características: forma e flexibilidade;
- Exemplos de referência para efeitos comparativos, tendo como base tanto a pesquisa bibliográfica e do arquivo municipal da cidade, como as próprias experiências pessoais vivências pelo autor do trabalho;
- Formulação de hipóteses de melhoria do espaço público em estudo, apresentadas sob a forma de atividades e de proposta de fatores que capazes

de promover um conjunto de novas sensações e emoções enquanto elementos de valorização do espaço, da sua utilidade e do seu conforto.

Assim o conceito-chave deste trabalho passou pela questão da operacionalidade do espaço público da cidade e da sua relação com a mesma. No capítulo relativo a eventuais sugestões para uma nova construção arquitetónica desse espaço considerar-se-ão em simultâneo vários conceitos de tipologia, forma e desenho urbano. É por isso relevante compreender o tema da configuração espacial e a sua relação com variáveis comportamentais tais como a distribuição de atividades e o movimento de pessoas, compreendendo a sua inserção no espaço e interação com ele. Pois, verifica-se com frequência que a presença das pessoas na arquitetura não é reconhecida por grande parte dos envolvidos com a mesma ou com a urbanização e planeamento do tecido urbano. Importa por isso garantir uma relação coerente entre a forma arquitetónica, a técnica construtiva e a ordem topológica.

Embora numa primeira fase a ideia fosse efetivamente estudar o espaço público central da cidade de Albergaria-a-Velha, após alguma reflexão optou-se por efetuar o estudo de um outro espaço público, já não da cidade, mas sim do concelho de Albergaria-a-Velha e com características bastante diferentes e diversas relativamente ao espaço inicialmente pensado.

Este segundo espaço público, embora situado no mesmo concelho, não pertence à cidade. Trata-se de um espaço situado numa das sete freguesias do concelho, a freguesia de Alquerubim, uma das freguesias com maior relevância não só pela sua localização limítrofe como também pela sua dimensão espacial. Este espaço, designado por Cabeço de Santo Estevão, é um espaço público contíguo a uma das capelas da referida freguesia, a capela de Santo Estevão, cuja data de fundação remonta já ao século XVIII. Trata-se de uma capela de pequena dimensão, situada num planalto, sendo rodeada à sua volta por uma área florestal composta maioritariamente por eucaliptos, a árvore principal da área florestal do concelho. Tratando-se de um espaço com cariz essencialmente religioso, e onde é realizado anualmente um evento socio-religioso em memória do padroeiro – o Santo Estevão.

O principal objetivo do trabalho consistia na implementação e organização de um evento natalício onde fosse possível explorar os diversos sentidos sensoriais e a sua relação com a arquitetura (sentidos arquitetónicos) (Rasmussen, 2007, p. 29).

Procurava-se assim, descobrir através do projeto deste trabalho, quais os fatores que influenciam a interação dos cidadãos com o espaço público. Definiram para tal um conjunto de questões teóricas a abordar relativamente à identidade do espaço público:

- Interação entre as características dos espaços e as atividades neles disponíveis;
- Orientação e organização de um espaço;
- O que são as dinâmicas próprias de um espaço;
- Conforto vs utilidade;
- Diferenças texturais e a sua perceção (sentir o espaço);
- Análise teórica e exploração de observações referentes ao uso que o homem faz do espaço.

Tendo em conta a época Natalícia em que o evento se realiza, propôs-se que o mesmo se designasse por CasA|Atal (CasMtal). O M, de Miscelânea, permitia expressar a característica específica do evento, no qual se desenvolveriam um conjunto diversificado de atividades com diferentes temáticas: arte, engenharia, cultura, economia e política.

No espaço público desse evento existiriam várias tendas temáticas para cada produtor/vendedor, nas quais poderiam ser vendidos/partilhados diferentes produtos e realizadas atividades essencialmente tradicionais e apelando à exploração dos sentidos e das emoções:

- Sons tradicionais e naturais: permitindo (re) aprender a escutar e (re) aprender a produzir sons através de instrumentos tradicionais;
- Alimentação – bebidas e comidas tradicionais de diferentes épocas/regiões;
- Aromas – permitindo recordar memórias e transições entre viagens;
- Peças teatrais – animações e representações permitindo produzir críticas políticas;
- Atividades de danças tradicionais do mundo – dias temáticos com visitas imaginárias a diferentes países;
- Troca de presentes.
- Workshops de trabalhos manuais;
- ...

Pretendia-se assim explorar como principais pontos a questão do conforto, da sustentabilidade, da utilidade e acima de tudo do empreendedorismo. Ou seja, cada produtor/vendedor convidado para o evento procuraria expressar a sua capacidade empreendedora. Numa primeira fase, e de forma limitada, poderiam ser convidados a participar algumas das entidades com maior representação dentro das temáticas selecionadas para o evento e pertencentes à região: ASSA, AJE, Albergarte, Espigas, Árvore de Natal, Crecus, Banda U. de São João, Chocolate ao vivo, Licores Tradicionais, Pais Em Rede, Banda U de Pinheiro, Grupos de Fados – FAUP, Tuna de Feminina - FAUP, Mimos, Mementos, Jobra, Crassh.

Pretendia-se assim que a aldeia voltasse a descobrir e a habitar o magnífico pulmão do lugar, o lugar de Santo Estevão, e que este pudesse inspirar a uma vivência mais dinâmica e saudável na aldeia. Em dezembro, na semana de Natal, era proposta deste trabalho a realização de um vasto programa de atividades para estimular colaborações com agentes do território e criar sinergias a partir de projetos pré-existentes.

"Vemos na palavra «organizar» um desejo, uma manifestação de vontade, um sentido, que a palavra «ocupa» não possui e daí que usemos a expressão «organização do espaço» pressupondo sempre que por detrás dela está o homem, ser inteligente e artista por natureza, donde resultará que o espaço ocupado pelo homem tende para caminhar sempre no sentido de criar harmonia do espaço, considerando que harmonia é a palavra que traduz exatamente equilíbrio, jogo exato de consciência e de sensibilidade, integração hierarquizada e correta de fatores. (...) não pode negar-se que uma luz, uma esperança, um desejo, uma intenção, animam permanente o homem no sentido geral sua luta.

Daqui a dificuldade que nos surge, e até a consciência da sua inutilidade, (...) a possibilidade de separar estes dois aspetos tão profundamente interligados que se pode perguntar em que medida uma forma pode ser bela sem ser funcional e em que medida uma forma pode ser funcional sem ser bela." (Távora, 2006, p. 14)

O projeto, associado à implementação e organização de um evento natalício, era de facto muito estimulante e motivador para o autor deste trabalho, dada a relação de proximidade tanto física (o espaço situa-se a menos de 1000 metros da casa do mesmo), como também a nível sentimental, uma vez que o mesmo abarca em si um conjunto de referências sentimentais e de vivência aos avós do autor.

Contudo, e infelizmente, por muitas e diversificadas razões de carácter essencialmente logístico, não foi possível materializar e dar seguimento a este projeto. De facto, para a sua implementação era vital a adesão não só das instituições acima referidas, mas essencialmente de outras com peso e importância económica na região e capazes de promover e patrocinar, em especial a nível financeiro, este projeto. Mas tal veio a tornar-se impossível, inviabilizando assim a continuidade do trabalho e da escolha deste espaço público como elemento base desta dissertação. Foi assim por esse motivo que o autor teve de numa segunda fase refazer o seu percurso, continuando o seu trabalho com a análise do espaço público central da cidade de Albergaria-a-Velha, o qual se descreve nas restantes secções deste documento.

2. O Espaço Público e a sua Identidade

Uma boa forma de analisar e avaliar a relação de um espaço público e o contexto urbano no qual ele se insere é através da compreensão do conceito de espaço público e de todas as questões relativas aos usos e representações simbólicas que lhe estão associadas.

Por outro lado, numa cidade a quantidade e a qualidade dos espaços públicos determina também a qualidade urbanística da mesma. De facto, a quantidade de espaços públicos determina em grande medida a boa qualidade de classificação do espaço urbanístico.



Figura 1 – Paris, França (Foto: Bruna Melo, 2012). Figura 2 – Paris, França (Foto: Bruna Melo, 2012).

Essa classificação inclui jogos infantis, saudações e as conversas de várias gerações de atividades comunitárias, facilitando o contacto espontâneo. (Gehl, 2006, p. 25)

Pela sua forma de geometria de quadrado ou retangular com os edifícios protegendo à sua volta implica uma sensação de mais segurança entre eles e numa perspetiva mais definitiva. (Zevi, 1996, p. 161)

Enquanto na figura 1 predomina um espaço público caracterizado por uma simetria vertical, o espaço da figura 2 é construído com base na conjugação de várias formas geométricas. Por outro lado, o espaço da figura 2 é caracterizado por um conjunto de elementos arquitetónicos típicos de espaços onde predominam atividades de carácter comercial e de prestação de serviços, ao contrário do espaço da figura 1 onde a ausência destes elementos deixa entender a existência de um espaço mais vocacionado para as atividades lúdicas.

Independentemente dos elementos e da caracterização que definem cada um destes espaços, existe um fator importante e subjacente a ambos – a harmonia do espaço público.

“A obtenção da harmonia do espaço organizado, resultante afinal da harmonia do homem consigo próprio, com seu semelhante e com a natureza, será longa e difícil, mas porque a consciência da sua necessidade deverá sobrepor-se a todos os obstáculos, ela deverá constituir um dos mais destacados objetivos do homem contemporâneo.” (Távora, 2006, p. 46)

Ainda em relação à caracterização de um espaço público de grandes dimensões em que só existem habitações, cafés ou lojas, tal como figura 3, neste espaço público definido por uma malha de casas muito com diferentes cores e variedade formal implica uma sensação de conforto para os seus utilizadores. Outro facto é que a segurança

destes espaços públicos sem haver trânsito implica a existência de um espaço onde é possível movimentar-se à vontade, o que transmite uma noção de liberdade.



Figura 3 – Espaço em Wrocław, Polónia (Foto: Bruna Melo, 2012).

A junção no mesmo espaço público de diferentes épocas arquitetónicas, com durações distintas permitem transformar o mesmo num espaço imponente e memorável.

Tal como referido em (Zevi, 1996, pág.171) diz-se que “Um edifício deve exprimir o que é, o seu propósito.”. De facto, se para a caracterização e identificação para um determinado espaço público importa compreender os vários elementos arquitetónicos que o constituem é um fator chave a descrição que todos os aspetos de um dado edifício podem fornecer para a identificação do espaço onde se inserirem.

3. Enquadramento do Espaço da Cidade

3.1. Praças Municipais e o Antigo Mercado Municipal

Desde longa data que Albergaria-a-Velha tinha um concorrido mercado municipal, o qual era visitado aos domingos pelos habitantes das muitas povoações em redor e realizava-se no largo hoje denominado Praça D. Teresa.

O espaço público abaixo descrito localiza-se no concelho Albergaria-a-Velha, designando-se por Largo D. Teresa. O largo D. Teresa era inicialmente designado por "praça velha" (até 1889) onde se realizavam as trocas comerciais. O surgimento do nome da praça deve-se ao nome da Rainha D. Teresa, a mãe de Afonso Henriques. Este local para além do mercado semanal constituía também o local de passagem e acolhimento dos viajantes pobres.



Figura 4 – Largo Dona Teresa (Foto: Bruna Melo, 2014).

A história desta praça está relacionada com a do próprio edifício da atual Biblioteca e remonta ao princípio do século passado. Basicamente a história resume-se à intenção de construção de uma residência de férias de um importante comerciante, ligado ao óleo de fígado de bacalhau, com as suas atividades a desenvolverem-se fundamentalmente em Lisboa. Foi decerto uma das construções imponentes do lugar, e assumia as tendências da moda arquitetónica da altura, evidenciada em alguns edifícios de semelhante desenho, existentes também em Lisboa.

Em 1864, com o objetivo inicial de se construir o edifício dos Paços do Concelho, optou-se por alargar esse pequeno largo para que este pudesse servir melhor ao cada vez mais frequentado mercado semanal.

Em 1874, a autarquia transferiu esse mercado para uma nova praça (ver figura 5) designada por Praça Nova, fronteira aos atuais Paços do Concelho, ficando a antiga praça conhecida por “Praça Velha”. (Pinho, 2001, p. 34)



Figura 5 – Avenida da Praça Nova (Pinho, 2001, p. 40)

Mais tarde foi deliberado que o Largo Municipal (Praça Nova) tomasse o nome de Praça Comendador Ferreira Tavares. Esta decisão foi proposta pelo Vice-Presidente Clemente de Sousa e Melo, familiar do Comendador, sendo por isso motivo da contestação de muitos albergarienses. O Comendador Ferreira Tavares dedicou-se à carreira de comercial tendo-se ficado ainda novo em Lisboa. Regressou a Albergaria-a-Velha em 1862, onde a sua ação foi notável tendo contribuído para a manutenção do Concelho. Apoio e fez avançar a criação de um novo e amplo espaço urbano para o centro de Albergaria-a-Velha, em cujo topo poente sobressaem os Paços do Concelho, cuja construção iniciou, tendo abandonada a mesma aquando da sua saída em 1874 da Câmara. (Pinto, 1994, p. 24)

Motivado pela *«necessidade de retirar da Praça Ferreira Tavares desta vila o mercado mensal de gado, em virtude dos estragos que este ali causa, tanto no pavimento como nas árvores»* (Arquivo Municipal, sessão 9/2/1932), a autarquia iniciou em 1931 diligências para se transferir o mercado municipal.

Em 1933, ocorreu a mudança da feira de gado para o “Novo Mercado” (Arquivo Municipal, sessão 27/12/1932) de localizado no Largo da Estação (atual Alameda 5 de Outubro), (Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, sessão 4/7/1935) nome que viria a ser alterado em 1937 para “Largo Doutor António de Oliveira Salazar” (Arquivo Municipal, sessão 27/7/1937, f. 269). Ainda nesse ano, e dado que esse largo se encontrava quase pronto, foi decidido que se *«achava oportuno fazer-se a transferência do mercado/ semanal para ali, proibindo-se o estacionamento de vendedores de quaisquer artigos dentro da placa da Praça Ferreira Tavares, que deverá ser ajardinada o mais breve que ao município seja possível»*. (Arquivo Municipal, sessão de 17/8/1937)

Em 1939, o Largo Salazar seria convertido em Alameda, sendo feita pavimentação, plantação (Arquivo Municipal, sessão de 17/8/1939) de árvores de fruto (Arquivo Municipal, sessão de 3/1/1939) e construído um muro (Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, sessão de 10/10/1939). A Praça Salazar foi ajardinada e arborizada (Arquivo

Municipal de Albergaria-a-Velha, sessão de 7/2/1939), sendo também feito o ajardinamento de uma placa sobre as sentinas (Arquivo Municipal, sessão de 21/11/1939). No ano seguinte foram também plantadas na alameda cerejeiras (Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, sessão de 12/3/1940), colocado um marco fontenário na praça e aberto um quiosque por cima das latrinas e urinóis (Arquivo Municipal, sessão de 2/7/1940, sessão de 5/12/1939, sessão de 5/3/1940, sessão de 19/3/1940). De 1945 a 1950 a Alameda assistiu à demolição do edifício do Arquiteto e Professor Silva Rocha, o Teatro Albergariense, e acompanhou o processo de construção do Cineteatro Alba.



Figura 6 – Configuração da Alameda Dr. António Oliveira Salazar (Extraído da Coleção Duarte Machado).

Em 1954 com a elaboração do antepiano de urbanizações foi pensada a localização do novo mercado da vila no largo à margem da Rua Doutor José Homem de Albuquerque. Foi também nessa altura que, com o intuito de agilizar o trânsito do Largo 1.º de Dezembro, se decidiu transferir o antigo chafariz de granito para esse “largo da futura feira” (Arquivo Municipal, sessão de 3/6/1954). Em 1960, pela necessidade de obras de pavimentação na Alameda Salazar foi feito um novo arranjo e beneficiação do seu Jardim Público (Arquivo Municipal, sessão de 17/2/1960), ficando nela instalado o antigo chafariz de 1963 a 2006, regressando depois ao seu lugar original.

Em 1956, com a abertura da Rua do Jardim à EN1, foi decidida a elaboração do projeto do novo mercado da vila no local previsto no antepiano de urbanização, tendo sido o mesmo realocado para a atual Rua 1.º de Maio.

O atual mercado municipal iniciou a atividade em 1972 (Ofícios n.º 2/1972, de 3 de Janeiro e n.º 95/1972, de 12 de Janeiro). Em 1973 o recinto da Feira sofreu obras de arranjo e em 1981 foi concebido e aprovado o projeto de ampliação do Mercado Municipal de Albergaria-a-Velha, (Arquivo Municipal, 22/6/1981, 19/10/1981, 16/11/1981) ficando o mesmo concluído no ano de 83 (Arquivo Municipal, sessão de 20/9/1983).

3.2. História da Praça Ferreira Tavares

A Praça hoje denominada por Praça Ferreira Tavares, cuja construção foi apoiada pelo importante ilustre Comendador Ferreira Tavares, constitui-se como um dos principais

espaços públicos do centro de Albergaria-a-Velha, em cujo topo poente sobressaem os Paços do Concelho.



Figura 7 – Antiga praça Ferreira Tavares (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a- Velha, Bilhetes Postais de Albergaria-a- Velha, Edição de Bernardino Maria da Costa, (PT/CMALB/BPALB-BMC/2)).

Na figura 7 é possível verificar um espaço amplo em terra batida onde foi definida a primeira versão da referida praça. Posteriormente foi construído um pequeno lago central em forma hexagonal, rodeado por canteiros relvados e os caminhos em terra batida (fig. 8 e 9). Na atual versão os caminhos são em calçada portuguesa sendo os canteiros floridos e existindo uma estátua do Comendador que dá nome a esta praça (fig. 10).



Figura 8 – Perspetiva da praça Ferreira Tavares virado para poente (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).



Figura 9 – Perspetiva da praça Ferreira Tavares virado para nascente (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Bilhetes Postais de Albergaria-a-Velha, Edição da Casa da Alameda, n.º 3 (PT/CMALB/BPALB-CALM/3)).



Figura 10 – Atual praça Ferreira Tavares (Foto: Bruna Melo, 2015)

3.3. História da Praça da Alameda 5 de Outubro

Em 1939, o Largo Salazar foi alterado e reconvertido em Alameda, tendo sido pavimentado em terra batida, construído um muro à volta do mesmo e efetuada a plantação de árvores de fruto. A Praça Salazar foi ajardinada e arborizada, sendo efetuado o seu ajardinamento. No ano seguinte foram também plantadas na alameda cerejeiras, colocado um marco fontenário na praça e aberto um quiosque por cima das instalações sanitárias. De 1945 a 1950 a Alameda assistiu à demolição do edifício do Arquiteto e Professor Silva Rocha, o Teatro Albergariense (fig. 11), e acompanhou o processo de construção do Cineteatro Alba (fig. 12).



Figura 11 – Praça Salazar (Extraído da Coleção Duarte Machado).

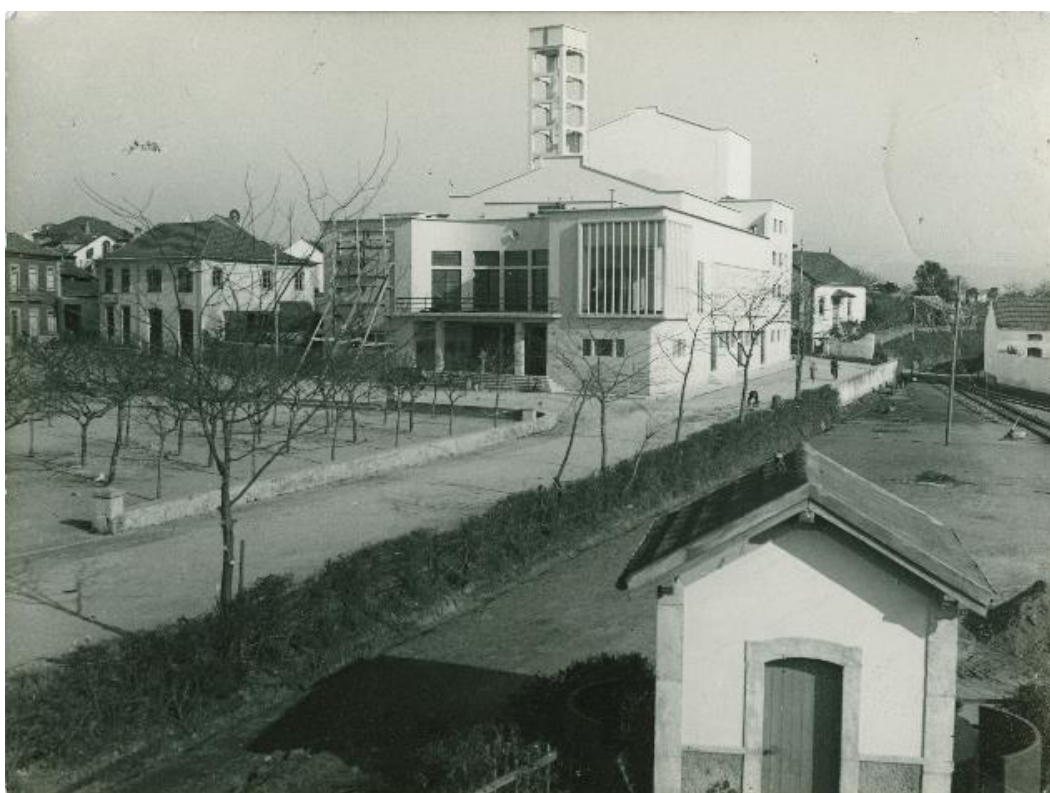


Figura 12 – Cineteatro Alba (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).

Podemos verificar ainda a existência de um muro à volta da Alameda, continuando a existir as referidas árvores de fruto (fig. 13). Na figura 11 pode-se constatar a diferença a nível da paisagem com a substituição do antigo edifício pelo novo edifício do Cineteatro Alba, mantendo-se, contudo, o mesmo enquadramento global da Alameda.

Da análise do desenho da Alameda sobressaem dois blocos principais separados por uma via de circulação automóvel. Um onde se encontra uma malha constituída pelas árvores de fruto, e a outro sob a forma de espécie de rotunda onde se verifica a existência de um jardim com quiosque associado.



Figura 13 – Alameda (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Bilhetes Postais de Albergaria-a-Velha, Edição da Casa da Alameda, n.º 4 (PT/CMALB/BPALB-CALM/4).



Figura 14 – Remodelação do espaço da Alameda na década de 90 (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).

Na figura 14 onde se apresenta a remodelação do espaço da Alameda na década de 90 pode verificar-se que os dois blocos anteriormente referidos foram unidos, o quiosque foi demolido, acrescentando-se um edifício de restauração. Foi eliminado o anterior muro delimitador da Alameda, tendo sido o mesmo substituído num dos lados por um muro de cota superior formando um pequeno bloco ajardinado, e no outro por uma edificação em forma de bancos de assento públicos com um bloco igualmente ajardinado. Foi também instalado no recinto da Alameda o antigo chafariz, o qual permaneceu nesse espaço até 2006, ano em que regressou ao seu lugar original. Junto ao chafariz foi também construído uma espécie de lago em formato semicircular com pequenas divisões.



Figura 15 – Pormenor de um dos extremos da Praça da Alameda (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).

Na figura 15 pode notar-se a pavimentação, calcada portuguesa, de um dos extremos da Alameda, com o alargamento do espaço ajardinado, passando a existir também um parque de estacionamento em ambos os lados da sua zona exterior.



Figura 16 – Primeira construção do Coreto (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).

Ainda na década de 90 foi também construído um coreto, pelo Arquiteto Eduardo Costa Ferreira, tendo sido instalado sob o mesmo novas instalações sanitárias públicas (fig. 16). Mais tarde este mesmo coreto sofreu remodelações a nível a sua cobertura (fig. 18).



Figura 17 – Construção na Praça de um edifício de restauração (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).

Mais tarde o antigo restaurante associado à Praça da Alameda foi demolido, tendo sido construído no lugar um novo com dois pisos (fig.17). Ao lado deste novo edifício foi também construído um lago em forma de cascata (fig. 18).



Figura 18 – Vista geral da antiga Praça de Alameda 5 de Outubro.



Figura 19 – Vista geral da atual Praça de Alameda 5 de Outubro (Foto: Bruna Melo, 2016).

3.4. Formas de Equipamentos

3.4.1. Igreja Matriz

A construção civil da atual Igreja paroquial de Albergaria foi iniciada em 1692, por ordem do rei D. Pedro II. As cerimónias da inauguração da nova igreja tiveram lugar nos dias 23 e 24 de Junho de 1695. A primeira Igreja Paroquial de Albergaria-a-Velha foi edificada no período da Idade Média, não restando atualmente qualquer vestígio da mesma. A atual Igreja Paroquial assenta numa arte retabular sendo caracterizada por retábulos em talha dourada. Entre eles temos o retábulo do Altar-Mor que espelha as linhas arquitetónicas da primeira fase do estilo Barroco, ou seja, o Barroco nacional. Tantos os retábulos colaterais como os alteres laterais inserem-se no estilo rococó. (Albergue – História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha, Município, 2014, p.9)

A fachada principal era revestida desde 1908 com azulejos azuis, em estilo arte-nova. Atualmente a mesma foi reformulada tendo-se perdido esse traço característico da arte-nova.



Figura 20 – Antiga fachada da Igreja Matriz (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).



Figura 21 – Atual fachada da Igreja Matriz (Foto: Bruna Melo, 2016).

3.4.2. Edifício da Câmara Municipal

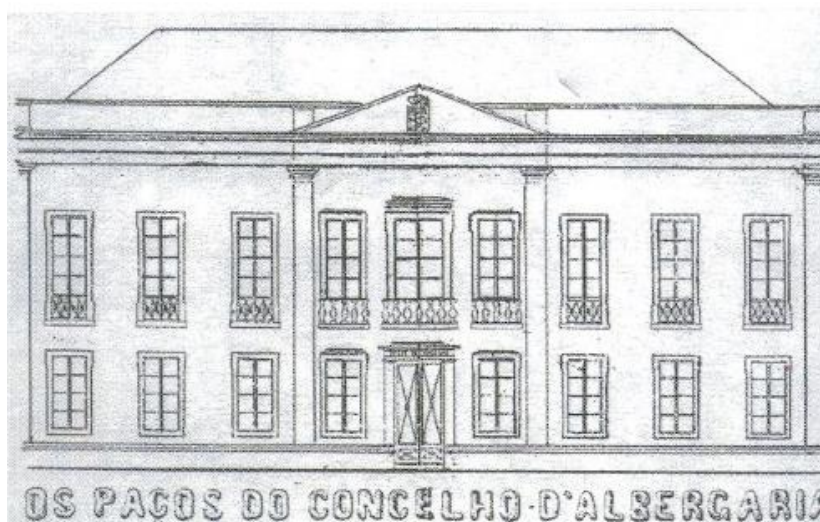


Figura 22 – Alçado da fachada dos Paços do Concelho de Albergaria-a-Velha (Pinho, 2001, p.40).

Em 1868, a Edilidade, presidida pelo Comendador Ferreira Tavares, toma a decisão de construir um edifício para nele se poderem instalar todas as repartições públicas que andavam espalhadas por várias casas da vila.

O plano foi traçado pelo Tenente Brito Rebelo incorporando uma nova conceção urbanística que trouxe modernidade à vila e ainda hoje, passados mais de 130 anos, constitui o centro cívico da cidade de Albergaria-a-Velha.

Logo iniciadas as obras de urbanização do local e, pouco depois, da construção do edifício, acabaram por ser suspensas em 1873, por falta de dinheiro para tamanho empreendimento num concelho de poucos rendimentos e sem subsídios estatais. Só 16 anos depois, a Câmara, presidida por Bernardino Máximo de Albuquerque, que, desde 1880, se vinha empenhado na criação e desenvolvimento duma extensa rede viária que ligasse todas as freguesias e lugares do concelho, deliberou recomeçar a construção dos Paços do Concelho, mandando reformular a anterior planta a fim de aí se instalar o Julgado Municipal e a Comarca (Pinho, 2001, p. 24).

Reformulado o projeto, as obras iniciaram-se em 1890 e foram prosseguindo com a lentidão dependente da falta de dinheiro, pois os rendimentos municipais eram escassos, não havia subsídios do Governo, nem se conseguiam empréstimos. Em 1896, conseguiu-se finalmente um empréstimo particular e no início do ano seguinte, com as obras interiores prestes a serem concluídas, começam a chegar as mobílias, vindas quase todas do Porto (Pinho, 2001, p. 40).

Em 10 de Outubro de 1897 realizava-se aí, finalmente a primeira sessão da Autarquia.



Figura 23 – Edifício da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha em remodelação (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).

O Edifício da Câmara Municipal sofreu profundas obras de requalificação entre 1986 e 1993, sob um projeto da autoria do Arquiteto Eduardo Costa Ferreira. Apresenta o mesmo na sua fachada uma pedra de armas, datada de 1897, com as Armas Reais de Portugal do reinado de D. Carlos (1889-1908). Com as obras acrescentaram-se mais dois pisos sobre o telhado, onde se localiza a Divisão de Planeamento, Gestão Urbanística e Requalificação.



Figura 24 – Atual configuração da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).

3.4.3. A Linha Ferroviária e a Estação

Em relação à construção da via-férrea que atravessa o concelho, os primeiros estudos datam de Outubro de 1893, sendo a mesma construída a partir de 1907. Era objetivo desta via não só o transporte de passageiros e mercadorias, mas também o apoio à atividade industrial do concelho (Pinho, 2001, p. 127). A construção da designada linha iniciou-se em Espinho, tendo a mesma vindo a entroncar com a linha do Vale do Vouga que de Aveiro passava por Águeda e se dirigia a Viseu (Ferreira, 2010, 142).



Figura 25 – Alçado da Estação Ferroviária, autoria: Bruna Melo.

Em termos arquitetónicos a estação construída no espaço público central, junto à praça nova (atualmente designada por Praça 5 de Outubro), era caracterizada por um conjunto de elementos típicos de todas as restantes estações ferroviárias implementadas a nível nacional na época. Destacam-se desses elementos o típico relógio e os candeeiros no largo da estação, um de ferro mandado colocar pela Câmara Municipal e dois com haste de madeira colocados pela Companhia de Caminhos de Ferro (Albergue - História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha, 2014, p. 142). Dada a sua importância na época (1910) surgiu a moda das excursões ao Concelho de Albergaria-a-Velha, fossem as mesmas para os participantes visitarem a vila ou para nela passearem numa paragem a caminho do rio Vouga. (Albergue - História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha, 2014, p. 150)



Figura 26 – Estação Ferroviária (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Bilhetes Postais de Albergaria-a-Velha, Edição d'A Central, n.º 7 (PT/CMALB/BPALB-CALM/4)).

3.4.4. Cineteatro Alba

A história dos cineteatros em Albergaria-a-Velha terá o seu início em 1869. Durante cerca de 50 anos, foram várias as tentativas, e os intervenientes, para a construção de um teatro na “Praça Nova”, atual praça Alameda 5 de Outubro, no centro da Cidade.

O teatro abriu pela primeira vez ao público no Carnaval de 1924, constituindo-se como um Pólo de cultura e divertimento na arte dramática, no cinema e em festas, entre as quais as do famoso Carnaval Albergariense.

Devido à crise mundial de 1929 a Indústria cinematográfica sofreu um duro revés, pelo que a “época cinematográfica 1930-31” do Teatro Albergariense ficou marcada por fracos filmes, que não cativavam as audiências nem despertavam o interesse do público. A afluência aos espetáculos era reduzida, levando a crítica a relatar que os “filmes exibidos foram, tudo o que há de mais ordinário”, sendo até “preferível fechar a porta” deste cinema (Memórias do Cineteatro Alba, p. 20).



Figura 27 – Teatro Albergariense (Extraído da Coleção Duarte Machado).

Em 1945 foi efetuada a demolição do edifício do teatro Albergariense e realizada construção no mesmo sítio do novo edifício do Cineteatro Alba por vontade do Comendador Augusto Martins Pereira e seus filhos Américo e Albérico. O projeto de arquitetura do novo edifício foi entregue ao engenheiro e arquiteto Júlio de Brito, autor de outros projetos similares (Rivoli Teatro, Porto; Cineteatro S. Pedro, Espinho; Teatro Jordão, Guimarães) (Memórias do Cineteatro Alba, p.21). Este equipamento cultural foi inaugurado a 11 de fevereiro de 1950, sendo à época considerado uma das melhores, mais modernas e mais luxuosas casas de espetáculos de todo o país.

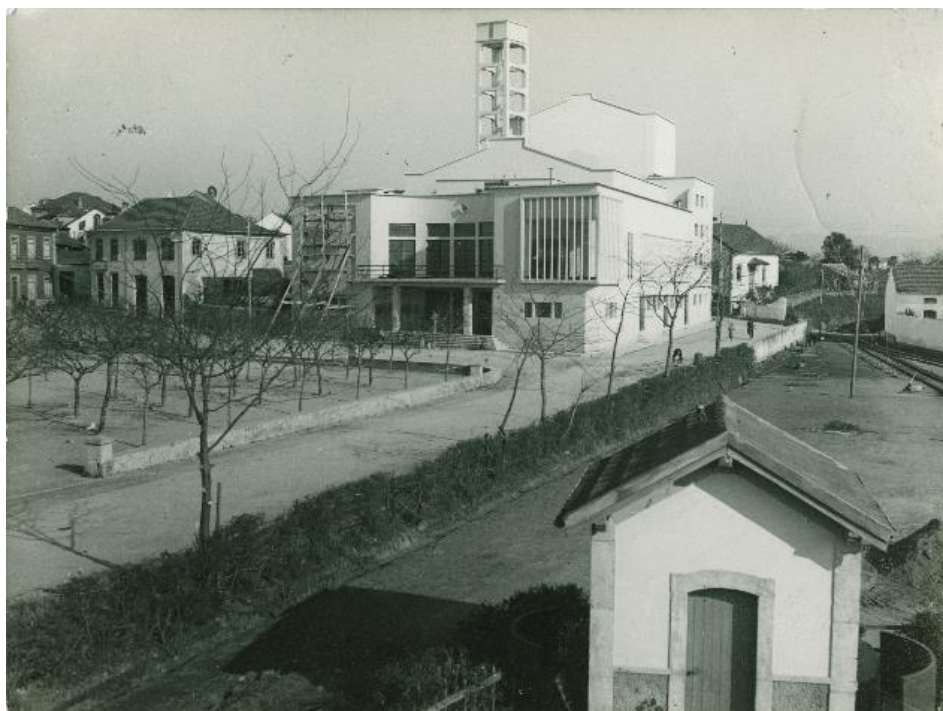


Figura 28 – Antigo Cineteatro Alba (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).

Meio século depois, o edifício Cineteatro Alba foi adquirido pela Câmara Municipal à família Martins Pereira, tendo sido posteriormente restaurado, constituindo hoje também a Casa da Cultura do Concelho (Pinho, 2001, p. 60). Este restauro foi obra do arquiteto Rui Miguel Rosmaninho Gonçalves, tendo sido reinaugurado a 27 de abril de 2012. Por aqui passaram todos os nomes maiores da música, teatro e dança do país, bem como os principais filmes, ao longo de mais de meio século.



Figura 29 – Atual Cineteatro Alba (Foto: Bruna Melo, 2016).

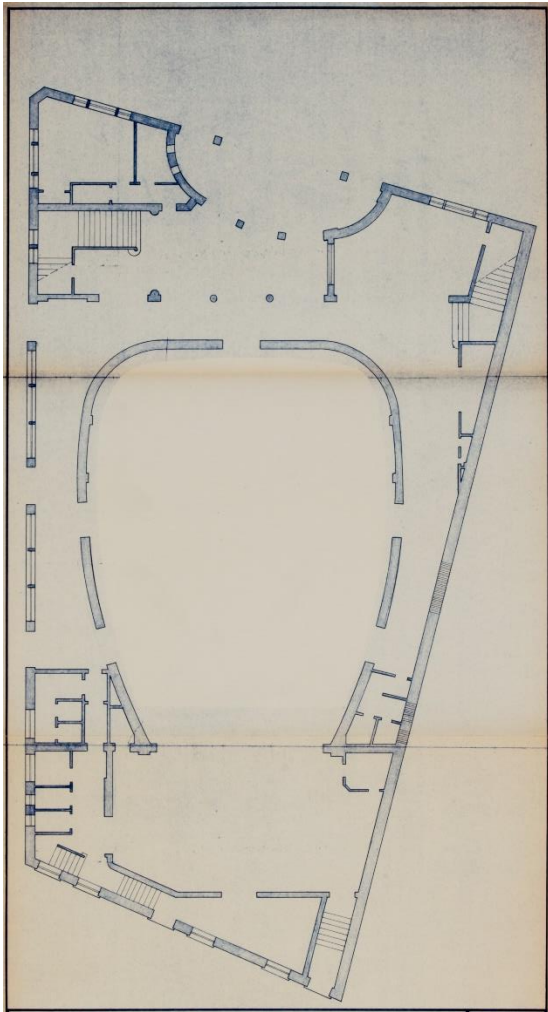


Figura 30 – Planta do Rés-do-Chão do Teatro Antigo (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Cineteatro (PT/CMALB/CTA)).

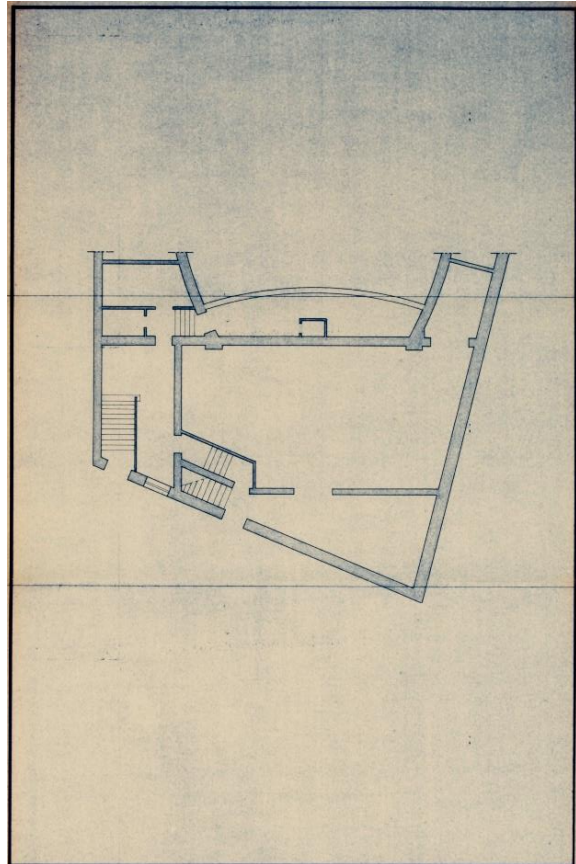


Figura 31 – Planta do piso superior (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Cineteatro (PT/CMALB/CTA)).



Figura 32 – Antigo Palco (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias (PT/CMALB/CTA)).



Figura 33 – Antigas Planteias (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias (PT/CMALB/CTA)).

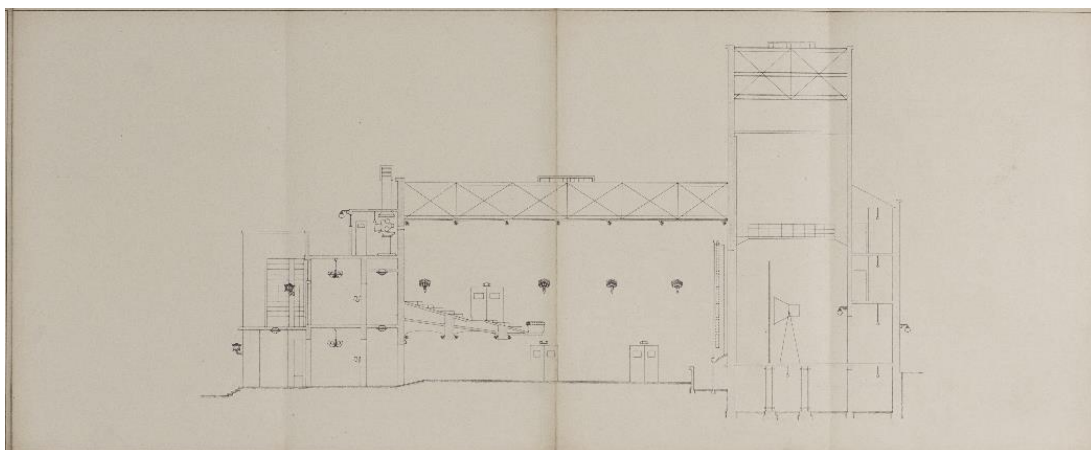


Figura 34 – Corte Longitudinal do Teatro Antigo (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Cineteatro (PT/CMALB/CTA)).

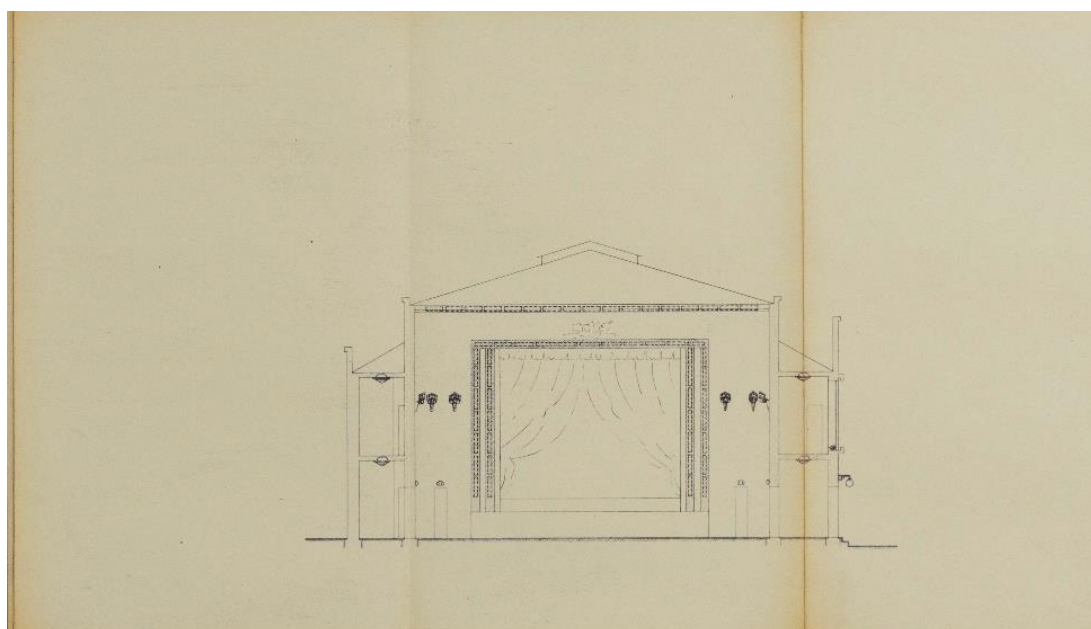


Figura 35 – Corte Transversal do Teatro Antigo (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Cineteatro (PT/CMALB/CTA)).



Figura 36 – Antiga Sala (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias (PT/CMALB/CTA)).



Figura 37 – Antigo Foyer (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias (PT/CMALB/CTA)).

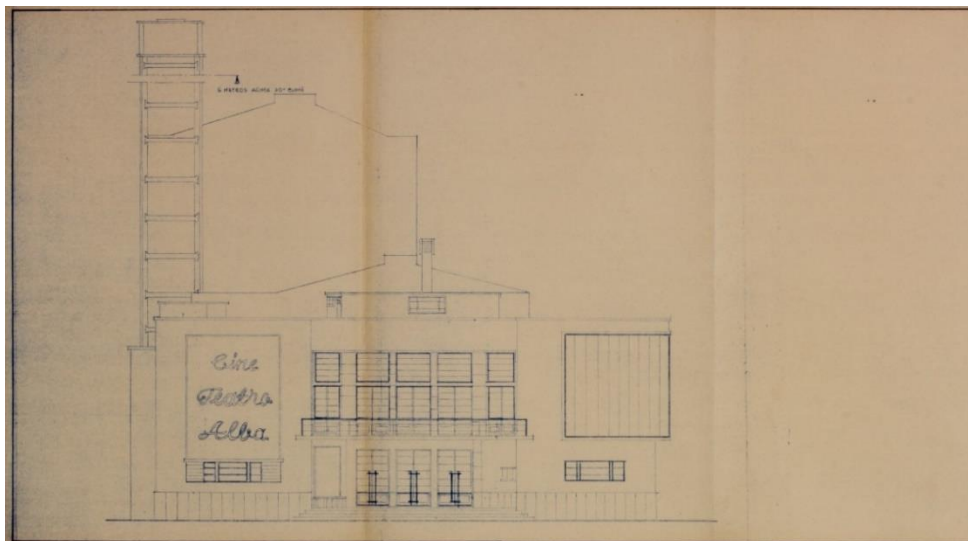


Figura 38 – Alçado principal do Teatro Antigo (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Cineteatro (PT/CMALB/CTA)).

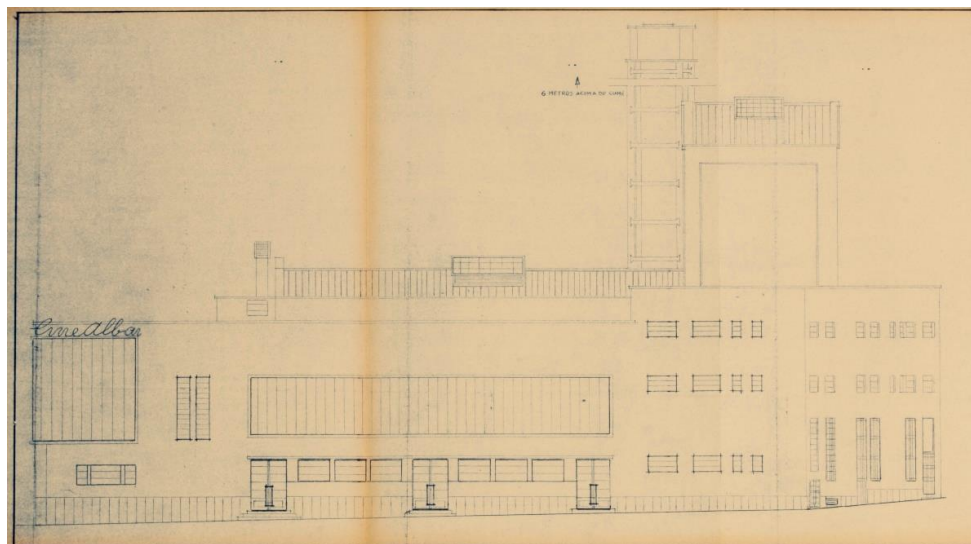


Figura 39 – Alçado lateral (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Cineteatro (PT/CMALB/CTA)).

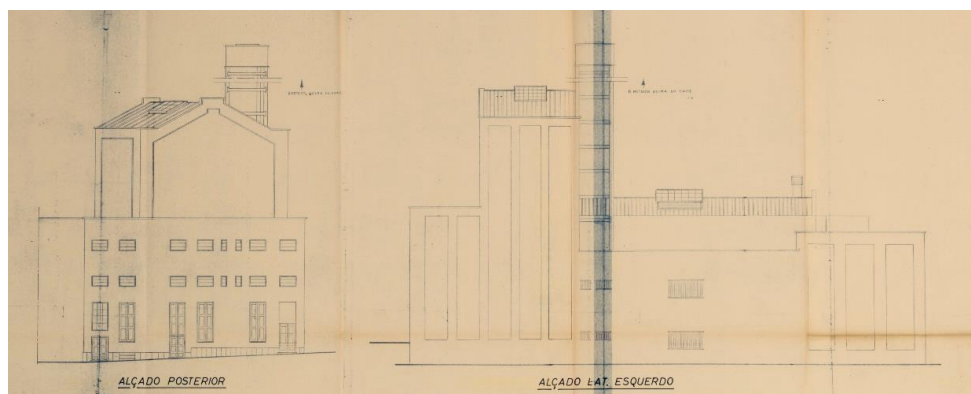


Figura 40 – Alçado posterior e Alçado lateral esquerdo (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Cineteatro (PT/CMALB/CTA)).



Figura 41 – Atual palco e plateias (Foto: Bruna Melo, 2016).

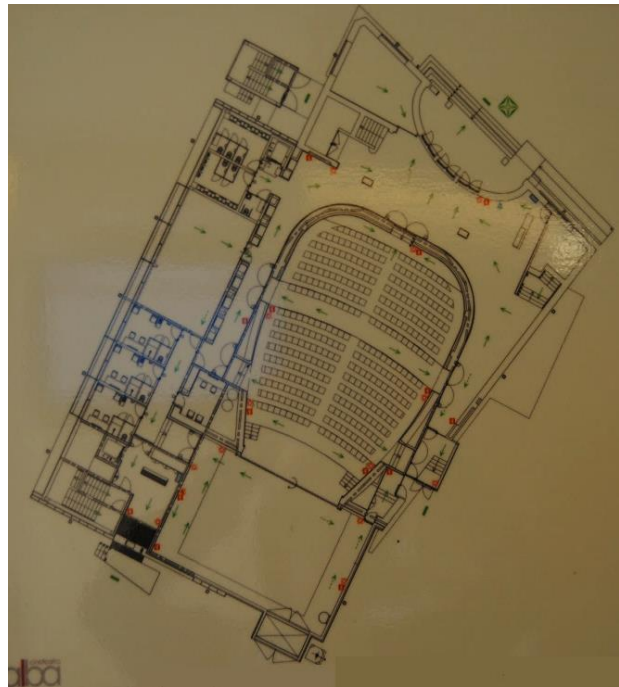


Figura 42 – Planta do Rés-do-Chão do Teatro Alba (Foto: Bruna Melo, 2016).

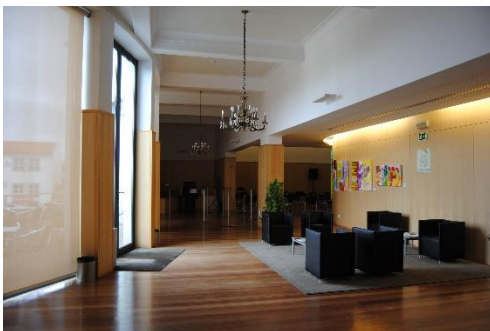


Figura 43 – Foyer (Foto: Bruna Melo, 2016).

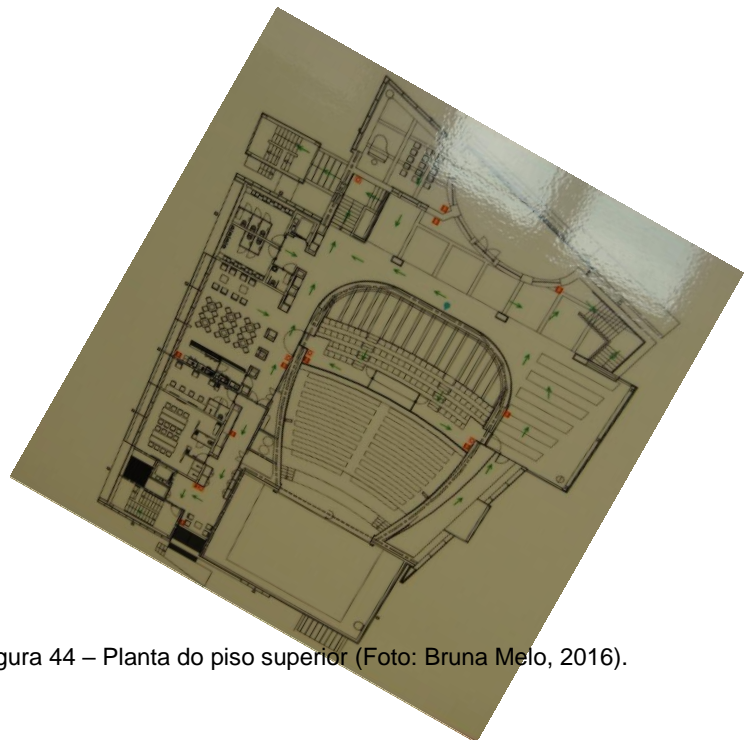


Figura 44 – Planta do piso superior (Foto: Bruna Melo, 2016).

3.5. Património Arquitetónico Histórico

Referenciam-se neste trabalho oitos elementos patrimoniais marcantes que ajudam a afirmar e compreender a identidade e a imagem da cidade. Trata-se de elementos referenciadores do espaço e do tempo e conferem ao centro da cidade elementos de referência facilmente identificáveis e reconhecidos por todos.

A Casa com o n.º1 (ver figura 45) é um edifício de gaveto que se localiza na Rua de Santo António e na Rua Almirante Reis, no Centro da Cidade de Albergaria-a-Velha. A sua construção remonta ao século XX. O formato tanto das janelas como o portal principal são característicos da Arquitetura Moçárabe, sendo também é um exemplar típico da Arquitetura de Brasileiros dos chamados “Torna Viagem”. O edifício desenvolve-se em três pisos, claramente assinalados nas fachadas, fazendo a distinção e a separação entre eles com friso e cunhais de proporções muito elegantes. O edifício pertenceu à Senhora Luísa Vidal e ao Arquiteto Beato da Silva Vidal, que, para além de proprietário, foi o autor do projeto.



Figura 45 – Casa com N.º1 do Concelho de Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2016).

A Casa e Capela de Santo António (ver figura 46) situam-se na Rua de Santo António, no Centro da Cidade de Albergaria-a-Velha. É considerada uma das mais emblemáticas

construções do Concelho e foi mandada edificar no final da década de 30 do século XVIII, pelo Capitão Dr. João Ferreira da Cruz. No ano de 1967 é adquirida por Francisco de Jesus Rodrigues da Silva, adaptando-a interiormente para casa de comércio e indústria de confeções, preservando somente a fachada, a Capela e algumas divisões; em 1982 estava ocupada ainda por uma fábrica de camisas.

É uma construção de tipo provincial, flanqueada por casas urbanas de 1 e 3 pisos. A ampla fachada principal é virada sobre a rua e está dividida em três setores, partindo no Norte: ala residencial, portão nobre e capela.



Figura 46 – Casa e Capela de Santo António no Concelho de Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2016).

O edifício apresenta planta retangular, sensivelmente irregular na fachada posterior. A ala residencial e a Capela são corpos volumetricamente distintos, com coberturas diferenciadas em telhados de 2 águas. A ala residencial tem dois pisos com fachada principal flanqueada por pilastras toscanas. É composta de cinco vãos, tanto num como noutro piso, tendo no primeiro piso, portas simples de verga reta saliente, encimadas por janelas.

A Capela de nave única e capela-mor é de construção posterior à casa, tendo inscrita na fachada a data de 1750. A Casa de Santo António está classificada como M.I.P – Monumento de Interesse Público.

A Casa onde em tempo passado se instalou o Posto Médico (ver figura 47), localiza-se na Rua Santo António, no centro da Cidade e na ZEP - Zona Especial de Proteção. É

um edifício do início do século XX, concretamente do ano de 1901. Desenvolve-se em dois pisos, a fachada principal é simétrica, tripartida, marcada por colunas que evidenciam o núcleo central da mesma.

A influência da corrente artística de Arte Nova é presente não só nos gradeamentos em ferro forjado que aparecem nas sacadas e parapeitos, mas principalmente nos florões que encimam os lintéis em arco completo dos vãos do núcleo central da fachada.



Figura 47 – Casa do antigo Posto Médico do Concelho de Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2016).

O Castelo da Boa Vista / Biblioteca Municipal (ver figura 48), localiza-se numa Quinta na Praça Dona Tereza e na Rua do Hospital, no centro do Município. Data do início do século XX.

É um edifício singular, mandado construir, no ano de 1900, pelo empresário João Patrício Alvarez Ferreira como casa de veraneio. Mostra linguagens arquitetónicas e correntes artísticas distintas, procurando manter o equilíbrio neoclássico com destaque do frontão e a arquitetura militar, com uma espécie de muralha com torres. Neste momento, é propriedade do Município e foi alvo de obras de requalificação para a instalação da nova Biblioteca Municipal.

Do lado da biblioteca existe uma combinação de pedras de dimensão e acabamento diferenciadas, e azulejos decorativos, os quais permitem realçar as características de

praça pública para as pessoas. Além disso, o edifício é rico em pedra de granito, com uma varanda e cantarias trabalhadas, destacando-se o pórtico de entrada, encimado por um frontão.



Figura 48 – Castelo da Boa Vista (Biblioteca Municipal) do Concelho de Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2016).

A Casa Nº8 (ver figura 49) localiza-se na Praça Ferreira Tavares, no centro urbano da Cidade, junto ao edifício da Câmara Municipal.

Pertenceu a um conceituado estudioso local, Dr. António de Pinho e considera-se uma das mais exuberantes manifestações de Arte Nova da Cidade. As estruturas são em granito de bom lavrado, tratando principalmente a temática floral e das conchas.

O alçado principal situado no primeiro andar concentra a sua maior riqueza decorativa. A fachada apresenta dois conjuntos de janelas geminadas e amplas, ladeando o portal ao centro, no qual se inscrevem duas portas. Por cima deste, assenta a varanda nobre da casa para onde se abrem três janelas, maior a do centro e convertida em porta.



Figura 49 – Casa Nº8 do Concelho de Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2016).

A Casa Quinta da Fonte (ver figura 50), localizada na Rua Engenheiro Duarte Pacheco, considerada um grande exemplar de Arquitetura Civil e residencial, é um edifício de dois pisos, composto por dois corpos, casa principal e o celeiro, de planta em L.

Com arquitetura do Século XVIII, alinham-se na fachada principal quatro janelas e uma sacada média; os vãos estão protegidos por caixilharia de madeira pintada com cor branca e moldura exterior pintada de cor verde; a fachada da direita segue a mesma ideologia.



Figura 50 – Casa Quinta da Fonte no Concelho de Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2016).

A Casa do Mouro (ver figura 51) é um edifício de gaveto situado no ângulo das ruas Dr. José Henriques e Dr. Alexandre de Albuquerque. Enquadrada num espaço urbano, reúne-se com casas de 1 a 2 pisos. A sua utilização atual é comercial e residencial. Data dos finais do século XVIII, com características da arquitetura de Arte Nova, embora já tenha sofrido alterações com acrescentos nas fachadas laterais.



Figura 51 – Casa do Mouro no Concelho de Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2016).

A Casa da família Vidal (ver figura 52), insere-se também no Centro da Cidade, na Praça Ferreira Tavares. Constitui, tal como a casa anterior, uma referência de grande valor na corrente artística da Arte Nova. É uma obra de arquitetura de traçado simples, que se desenvolve em dois corpos, um avançado sobre a praça e outro, recuado, no qual se insere uma escadaria simples com o seu gradeamento em ferro forjado, continuada em varanda ampla, aberta e guarnecida, também em ferro forjado da época.

A fachada do corpo recuado era originalmente pintada com temática de flores e nenúfares em que se movimentam gansos brancos. No entanto, foi repintada em 1991, sem a força original, o que lhe conferia especial requinte, na tradição de uma família que se afirmava culta nas artes, música, literatura, pintura e arquitetura.



Figura 52 – Casa da família Vidal no Concelho de Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2016).

4. História do Concelho

A história do Concelho de Albergaria-a-Velha inicia-se em 1117, quando Dona Teresa “Rainha” de Portugal e mãe de D. Afonso Henriques, doou extensas terras ao fidalgo Gonçalo Eriz. Este compromete-se a manter aberta uma Albergaria para acolhimento dos viajantes pobres e de doentes.

O topónimo Albergaria-a-Velha surge, então, pela primeira vez, em 1117, na Carta do Couto de Osselo, primeiro documento em que Portugal figura com o título de Reino e constitui a certidão de nascimento e de batismo de Albergaria-a-Velha.

Depois da emanção da Carta do Couto, é notável o documento Acórdão da Relação de Lisboa, datado de 27 de maio de 1629, no qual se fixou a ordem para se inserir, na frontaria do Hospital, uma lápide com os seguintes dizeres: “Albergaria de pobres e passageiros da Rainha Dona Teresa com 4 camas e 2 enxergões e esteiras, lume, água, sal, fogo e cavalgadas e esmola e ovos ou frangos aos doentes”. É precisamente neste documento que se encontram os primeiros registos de Albergaria enquanto Vila.

Já no século XIX, em 1809, o Concelho de Albergaria-a-Velha é palco das tropas francesas do General Soult e, consequentemente, de assaltos e destruição de alguns bens religiosos e civis. Albergaria não teve Carta de Foral pois, sendo terra doada, a coroa não exercia direitos sobre ela. Em 1834, como freguesia, faz parte do termo de Aveiro. Depois de várias mudanças administrativas, entre 1834 e 1855, Albergaria afirma-se como Concelho, contando com as freguesias de Alquerubim, Albergaria-a-Velha, S. João de Loure e Vale Maior. Embora sendo a sua formação recente, o lugar de Albergaria-a-Velha é caracterizado por muitas e antigas tradições históricas as quais remontam ao início do século XII.

O povoamento deste concelho tem origem na centralidade do lugar – o cruzamento de uma das mais antigas estradas do Ocidente Peninsular com outra das vias de reconhecida importância, a via que acompanha todo o percurso do Vouga desde a região de Viseu até Aveiro (Albergue - História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha, 2001, p.61).

4.1. Evolução e Distribuição da População

O Concelho de Albergaria-a-Velha caracteriza-se pela existência de oito freguesias que são Alquerubim, Angeja, Branca, Frossos, Ribeira de Fráguas, São João de Loure e Vale Maior, estendendo-se o território do município por cerca de 159 Km². O Concelho beneficia da proximidade relativa de importantes centros urbanos, como Aveiro, Coimbra, Porto e da proximidade de dois dos principais eixos rodoviários portugueses, a A1 que liga Lisboa ao Porto, e a A25, via de acesso e de abertura do Concelho ao país e à Europa.

De acordo com a Carta Administrativa Oficial de Portugal de 2012 (CAOP 2012), o concelho de Albergaria-a-Velha abrange uma área de 158,83 km², tendo, em 2011, segundo dados do último inquérito censitário realizado pelo Instituto Nacional Estatística (INE), 25 252 habitantes.

A evolução histórica da população do Concelho de Albergaria-a-Velha tem-se caracterizado por um gradual crescimento dos seus efetivos. Tendo como referência o período entre de 1864 e 2011, verifica-se que o Concelho revelou uma grande dinâmica populacional, embora com diferentes ritmos de crescimento entre freguesias, não ocorrendo deste modo uma evolução homogénea. Esta situação decorre basicamente do facto do fenómeno emigratório (particularmente nos anos 60) ter desempenhado um papel relevante na dinâmica demográfica do Concelho. O fluxo migratório teve particular importância, uma vez que afetou as camadas mais jovens da população, sendo estas cruciais para o crescimento populacional e substituição de gerações.

O Concelho registou um crescimento demográfico significativo ao longo do período 1960-2011, com um aumento populacional na ordem dos 36,9%. Contudo, o crescimento intra-concelhio tem sido algo diferenciado, apresentando uma evolução demográfica distinta entre freguesias. Ao analisar a variação da população a nível das freguesias entre 1960 e 2011, Albergaria-a-Velha registou a maior concentração demográfica concelhia, concentrando mais de 33% da população total e o maior aumento da população residente (119,5%) no período considerado.

Freguesia	População Residente						Variação da População (%)					
	1960	1970	1981	1991	2001	2011	60/70	70/81	81/91	91/01	01/11	60/11
Albergaria-a-Velha	3885	3640	4930	6074	7421	8528	-6,3	35,4	23,2	22,2	14,9	119,5
Restantes Freguesias	14558	14390	16396	15921	17217	16724	-1,2	13,9	-2,9	8,1	-2,9	14,9
Total	18443	18030	21326	21995	24638	25252	-2,2	18,3	3,1	12	2,5	36,9

Figura 53 - Evolução populacional das Freguesias do Concelho de Albergaria-a-Velha entre 1960 – 2011.

O decénio que mais contribuiu para o crescimento demográfico no Concelho de Albergaria-a-Velha foi o de 1991/2001 com 12%. Na década de 90 verificou-se, igualmente, uma variação positiva de cerca de 10% da população relativamente, ao conjunto dos Concelhos do Baixo-Vouga, apresentando um valor de crescimento mais elevado do registado na década anterior. De referir, no entanto, que a Região Centro, nesta década, apresenta um aumento populacional bastante elevado (36.4%).

Apesar do Concelho demonstrar globalmente uma tendência de crescimento populacional, estes aumentos verificam-se com intensidades bastante diversificadas, não ocorrendo deste modo uma evolução (neste caso crescimento), tendencialmente homogénea.

Em virtude da centralização de equipamentos e serviços, o núcleo urbano da cidade de Albergaria-a-Velha tem vindo a registar uma densificação acentuada. Verificou-se também um crescimento linear ao longo da EN16/EN109, via de ligação entre Albergaria-a-Velha e Aveiro.

Note-se que, embora condicionadas pelo facto de uma grande percentagem da sua área estar incluída em Reserva Agrícola Nacional, Reserva Ecológica Nacional e Rede Natura, as Freguesias do Concelho beneficiam da proximidade de outros Concelhos com uma importante dinâmica industrial e terciária, nomeadamente Águeda, Aveiro e Estarreja. A densidade populacional das freguesias é condicionada pelas referidas reservas nacionais e europeias com 97,55 habitantes/km².

Podem-se reconhecer, em termos genéricos, alguns tipos básicos de povoamento no Concelho de Albergaria-a-Velha. São eles o povoamento linear, em que a ocupação se estrutura ao longo das vias, e o povoamento nucleado, que corresponde à malha urbana relativamente densa e delimitada no espaço. Na Cidade de Albergaria-a-Velha é possível identificar o povoamento de tipo nucleado, o qual corresponde à malha urbana relativamente densificada e contida no território e o povoamento de aglomeração dispersa de estrutura urbana.

Sendo uma área de baixas altitudes com uma vasta rede de caminhos rurais, não é possível determinar com clareza uma direção estruturante do povoamento nas Freguesias do Concelho, tornando-se por vezes difícil fazer a separação entre o linear contínuo e linear descontínuo, dadas as características dos aglomerados. Esta é a matriz de base que permite compreender o povoamento de Albergaria-a-Velha.

4.2. Estrutura da População por Grupos de Idades

A análise da estrutura etária da população é um contributo para a identificação das tendências de evolução demográfica, importante para a definição de estratégias de desenvolvimento municipal.

Um dos aspetos mais evidentes da evolução demográfica do Concelho de Albergaria-a-Velha é o progressivo envelhecimento da população, situação que se tem vindo a agravar desde os anos 70.

Através da análise da figura seguinte verifica-se que o peso da população com menos de 15 anos tem vindo a diminuir e complementarmente ocorre o crescimento da população nos restantes grupos etários. De referir que o envelhecimento demográfico da população de Albergaria-a-Velha regista uma situação favorável relativamente ao contexto nacional e da Região Centro, registando um menor decréscimo da população jovem e um menor aumento da população idosa.

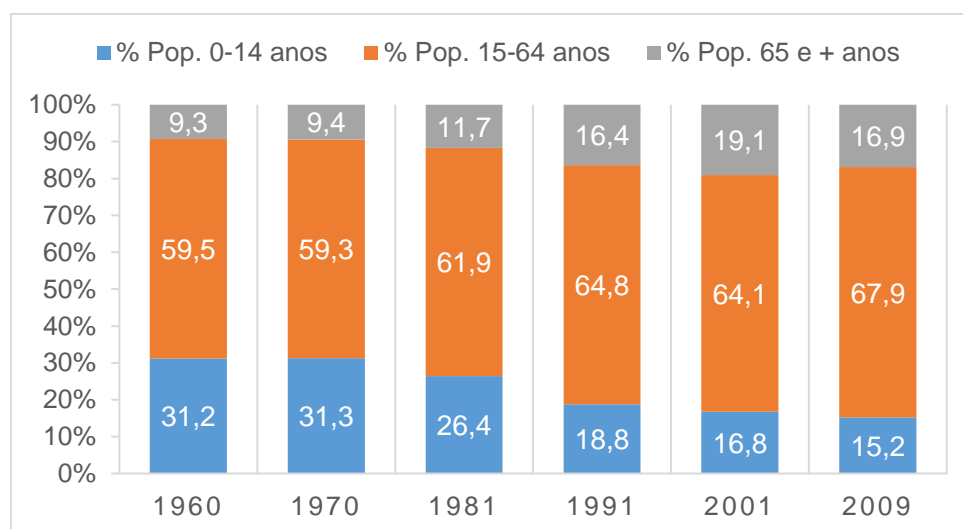


Figura 54 - Evolução da estrutura etária do Concelho entre 1960 – 2011.

Um dos acontecimentos demográficos marcantes deste século em Portugal foi a vaga de emigração que, principalmente durante os anos 60, mas, também, no início da década de 70, levou uma significativa parte da população portuguesa a abandonar o País. Na década de 80, o regresso de alguns emigrantes vai refletir na pirâmide etária de 1991. Verifica-se também uma diminuição acentuada nas classes etária dos 0 aos 14 anos.

Neste âmbito, torna-se essencial pensar as necessidades de uma população que vai requerer um outro tipo de apoio, quer ao nível dos cuidados de saúde e de apoio domiciliário, quer ao nível dos transportes e mobilidade, para que os serviços cheguem a toda a população.

5. O Espaço Público da Cidade

5.1. Caracterização Morfotipológica

A nível da estrutura urbana da cidade de Albergaria-a-Velha verificamos a existência de dois tipos de realidades. Uma realidade caracterizada pela existência de núcleos de construções antigas com traços históricos, complementado com uma outra realidade caracterizada por núcleos de edifícios, tanto residenciais como comerciais, de linhas mais modernas. Este tipo de realidades coexiste em ambos os espaços públicos retratados neste trabalho.

Na Praça Ferreira Tavares pode identificar-se um núcleo de construções antigas, com uma estrutura densa, marcada pela existência de diversos edifícios mais antigos, sustentados em tipologias unifamiliares, e uma rede de arruamentos maioritariamente estreitos, sem estacionamento na zona circundante à praça. Contudo, e apesar da não existência de espaços específicos para o estacionamento de viaturas, é constante a utilização desses arruamentos pelos transeuntes para esse efeito, fazendo de todo este espaço público um local de bastante movimento e denso, mas sem conforto para quem pretende utilizar a praça como lugar de lazer ou de repouso. A morfologia deste espaço é marcada pela existência de um eixo principal e frontal ao edifício dos Paços do Concelho – a Avenida Napoleão, e da praça propriamente dita – a Praça Ferreira Tavares. Esta praça assume-se como o elemento central de todo este espaço público, representando um dos principais lugares de sociabilidade e de vivência urbana na cidade, assumindo-se como um elemento marcante em termos históricos na memória dos Albergarienses. Entre a praça e o edifício dos Paços do Concelho fica a Rua Miguel Bombarda que constitui um acesso à praça a partir da Igreja Matriz, sendo a Rua Dr. Castro Matoso um eixo de acesso à referida Igreja (Figura 55). No ponto de ligação entre esta praça e a Praça da Alameda 5 de outubro encontramos uma nova rotunda, a qual se inclui num dos principais eixos de comunicação da cidade, a Estrada Nacional EN16-2, e que irrompe pelo centro da mesma. Esta estrada funciona assim em parte como elemento circundante da Praça da Alameda, a qual é delimitada no lado oposto a este eixo pela linha de comunicação ferroviária. Na Praça da Alameda, e do ponto de vista tipo-morfológico, coexistem tanto edifícios comerciais como de habitação unifamiliar, embora os últimos com pequena expressão. Os padrões de ocupação nestes espaços apresentam uma ocupação baseada numa estrutura e malha sustentada em arruamentos existentes, maioritariamente estreitos, becos e vielas, em alguns casos sem saída (Figura 56 e 57). Esta constitui-se assim como uma zona interna característica da cidade. Ainda em termos da classificação tipo-morfológica, podemos identificar em ambas as praças a divisão em quarteirões, três quarteirões na primeira praça e quatro quarteirões na segunda. No lado Sul da Praça da Alameda 5 de outubro, contíguo à linha ferroviária, salienta-se uma malha e estrutura urbana com densidade e características mais recentes, sendo constituída quase exclusivamente por edifícios comerciais e de habitação plurifamiliares sem qualquer traço histórico e nos quais predominam as formas retilíneas (Figura 58).

Apesar da malha urbana destes espaços públicos constituir-se como um dos principais centros da cidade, verificamos hoje que tanto a nível das atividades económicas como a nível das atividades sociais esse centro deslocou-se mais para Sudoeste da cidade.

Tal se deve não só ao facto da malha urbana em termos habitacionais se ter expandido nessa direção, com a existência de vários quarteirões formados por núcleos habitacionais plurifamiliares, como também à construção de um conjunto de infraestruturas base nessa área – predominam aqui os edifícios associados às (restaurantes, padarias/pastelarias, cafés, etc.), bem como às atividades financeiras e de outras áreas comerciais. Para além disso,

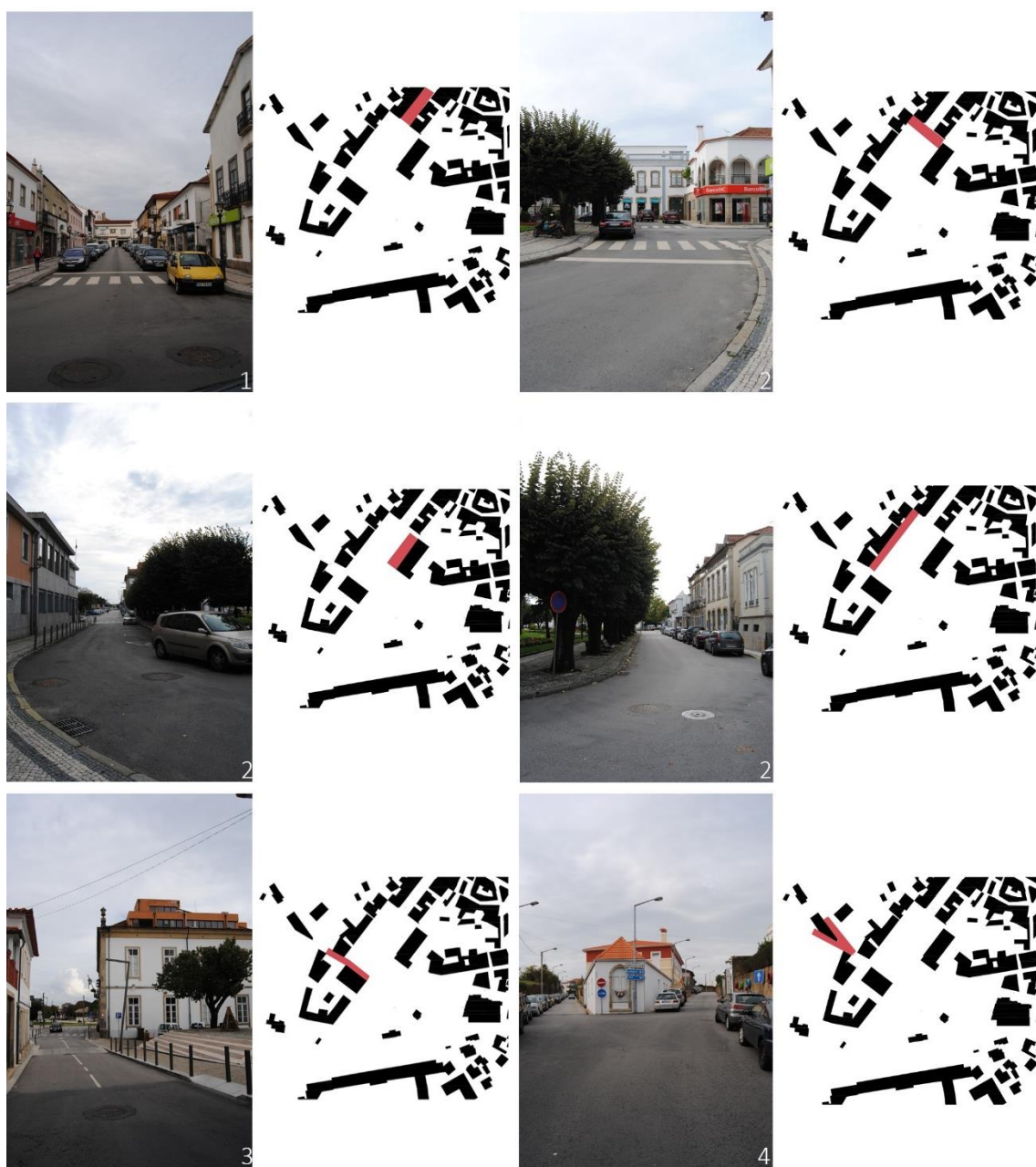
Tendo em conta esta análise tipo-morfológica da malha urbana da cidade, bem como uma análise tanto dos fluxos de pessoas como dos fluxos de edificação da cidade, constatamos que a cidade, no que concerne ao seu principal centro urbano (formado pelas duas praças descritas) afigura-se hoje como uma cidade morta de acordo com os “estereótipos” de espaços públicos. Desta análise fica-se com a clara sensação que não existiu para a cidade a definição de um plano de estruturação da malha urbana bem definido. Deste facto, têm resultado áreas e espaços cujos problemas de circulação viária e pedonal, de estacionamento, e de ausência de infraestruturas de apoio bem planeadas, colocaram em causa o crescimento controlado e estruturado e contribuíram para a desqualificação urbanística de parcelas do tecido urbano. Esta realidade transmite-nos a ideia de que a nível urbanístico foram sendo tomadas medidas meramente paliativas, não se tendo enfrentado o problema do descontrolo da construção natural e isolada de cada casa e edifício. Uma pergunta que se nos afigura neste momento colocar: quem terão sido os autores arquitetos desta mesma obra sem “rumo” e sem uma imagem “corporativa”?

Albergaria-a-Velha parece ser uma cidade que cresce sem regras bem definidas, sem regulamentos próprios e típicos dos bons princípios do planeamento urbano. Contudo, em alguns aspetos a cidade parece não querer ficar atrás das demais. São exemplo disso, a “febre” das rotundas, à qual esta cidade parece já ter aderido com convicção. Prova disso, é o exemplo da principal via que atravessa a cidade, a estrada nacional EN16-2, e na qual encontramos quatro rotundas no limite interno da cidade. Outro dos exemplos é a designada “febre” pela especialização dos espaços públicos. Também aqui a cidade de Albergaria-a-Velha já tem uma palavra a dizer. Em alguns dos recentes processos de reestruturação, nomeadamente no referente à Praça da Alameda 5 de outubro, são vários os exemplos dessa “mania”, com a definição de espaços próprios para estacionamento de bicicletas, de motos e de automóveis, e delimitação de espaços para uso exclusivo pedonal. No entanto, por vezes tal “mania” acaba por ser contraproducente. Na nossa opinião, tal aconteceu na Praça da Alameda, com a utilização de alguns elementos arquitetónicos para delimitação dos eixos de circulação automóvel, criando-se vias demasiados estreitas em determinados pontos cruciais desses mesmos eixos.

Na figura 59 resumimos um pouco do processo de reestruturação realizado ao longo das últimas décadas no espaço da cidade de Albergaria-a-Velha adjacente às duas praças públicas analisadas neste trabalho. Toda a modificação/reestruturação pode ser compreendida ao compararmos a planta da figura 59 com a planta da figura 60 que representa o mapa de edificação e vias da cidade no ano de 1988. Da análise algumas conclusões e considerações podem ser retiradas. Verificamos que a nível das vias de comunicação as alterações foram mínimas, estando essencialmente localizadas na zona Sul abaixo das referidas praças. A construção destas novas vias de comunicação deve-se ao facto de ter sido nessa zona que o edificado da cidade mais cresceu.

Na realidade a nível de construção de edifícios constatamos a existência clara de duas manchas no mapa da cidade. Como se referiu anteriormente, uma delas situada a Sul das praças para onde a cidade tendeu a deslocar-se tanto em termos de construção de residências habitacionais como de edifícios utilizados para atividades de exploração comercial (na área da restauração, do comércio e das finanças). A Norte a edificação mais próxima das praças e que foi adicionada nestas três últimas décadas prende-se com a remodelação de alguns edifícios e a construção de novos edifícios, nomeadamente o edifício dos bombeiros, o edifício dos CTT e um bloco habitacional próximo da Igreja Matriz. Verificamos também uma expansão da cidade para Noroeste onde a construção de vários blocos habitacionais unifamiliares deu origem à existência de duas vias de comunicação em forma de becos.

Tal como havíamos comentado sobre a cidade de Albergaria-a-Velha, e o facto de para muitos ser hoje considerada uma cidade “morta”, tal situação não é de todo alheia ao processo de edificação que ocorreu nos últimos anos na cidade. O foco de construção acentuada e concentrada na zona Sul, de forma planeada ou não, acabou por ter repercussões na própria atividade social e económica da cidade, bem como nos padrões de movimentação que nela podemos hoje constatar. Este novo eixo de construções justifica em parte a crescente “onda de desertificação” que verificamos na zona central associada à Praça Ferreira Tavares e à Praça da Alameda 5 de outubro, em especial no que às atividades comerciais diz respeito bem como à utilização social que os munícipes fazem destas praças. Da análise das plantas das figuras 59 e 60, e da sua comparação temporal, fica claro que a nível da zona que circunda as praças propriamente ditas os processos de reestruturação e remodelação urbana foram quase inexistentes.



1- Avenida Napoleão Luiz Ferreira Leão

2- Praça Ferreira Tavares

3- Rua Miguel Bombarda

4- Rua Dr. Castro Matoso

Figura 55 – Zona circundante da Praça Ferreira Tavares (Fotos/Plantas: Bruna Melo, 2016).



1- Avenida Bernardino Máximo de Albuquerque

2- Praça Alameda 5 Outubro

3- Avenida Dr. José Homem de Albuquerque

Figura 56 – Zona circundante da Praça Alameda 5 de Outubro (Fotos/Plantas: Bruna Melo, 2016).



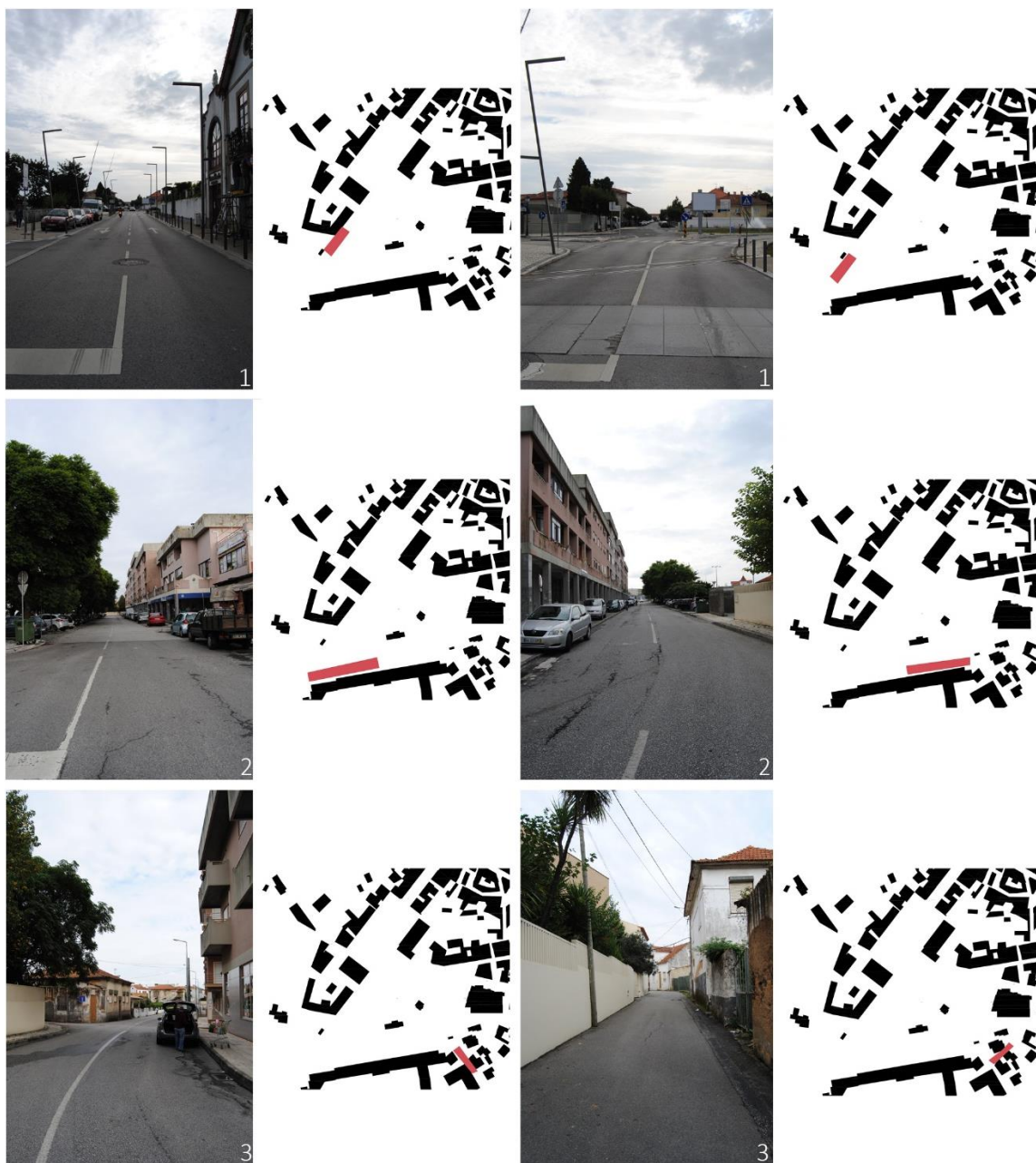
1- Rua Alm. Reis

2- Beco José Falcão

3- Rua Jose Falcão

4- Rua Cortinhal

Figura 57 – Zona interna característica da cidade (Fotos/Plantas: Bruna Melo, 2016).

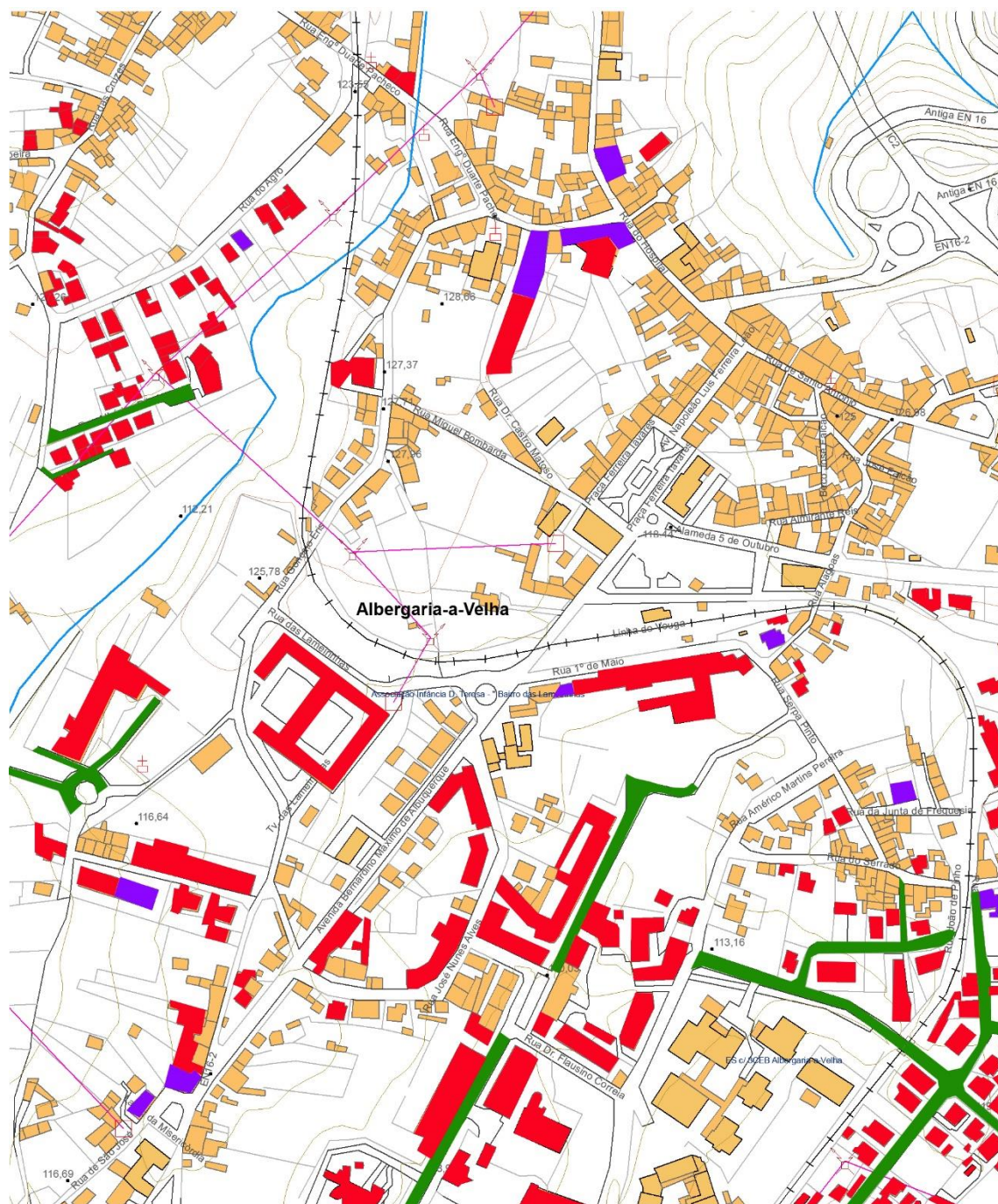


1- Avenida Bernardino Máximo de Albuquerque

2- Rua 1º de Maio

3- Rua Serpa Pinto

Figura 58 - Estrutura urbana com densidade e características mais recentes (Fotos/Plantas: Bruna Melo, 2016).



Legenda

— Curvas de Nível	⚡ Poste Alta Tensão	■ Construções
— Linhas de Água	□ Posto de Transformação	■ Edificação Acrescentada
— Infraestruturas Eléctricas	⛽ Bomba Gasolina	■ Edificação Alterada
— Muros, Sebes e Vedações	+ Pelourinho	■ Vias Acrescentadas
— Caminho de Ferro	⛪ Capela	
— Vias	+ Cruzeiro	
	⦿ Estátua	

Figura 59 – Planta de Comparação Temporal – Escala 1/5000 (adaptado de SIG Albergaria-a-Velha).



Figura 60 – Planta Parcial da Cidade – Escala 1/5000 (extraído do SIG de Albergaria-a-Velha).

5.1. Materialização Urbanística

Relativamente ao espaço público objeto deste trabalho, mais especificamente a Praça Ferreira Tavares e a Praça Alameda 5 de Outubro, podemos encontrar várias características a partir das quais é possível estabelecer uma diferenciação entre as mesmas. De entre estas características iremos abordar as seguintes para efeito de análise e estudo comparativo das duas praças:

- Continuidade – como forma de explicar a necessidade ou não de elementos arquitetónicos capazes de estabelecer uma ligação de continuidade entre o espaço público e os restantes equipamentos que lhe são próximos.
- Legibilidade – a caracterização e hierarquização das vias, bem como a localização de equipamentos.
- Diversidade – caracterização dos espaços tendo em conta os contrastes e semelhanças, as repetições e exceções obtidas pelas diferentes formas que os constituem.
- Identidade – elementos caracterizadores e identificadores próprios e típicos dos espaços públicos.

A descrição que faremos do espaço público começa com a análise das suas (1) **arquitecturas** (como tema principal), passando pelas suas (2) **infraestruturas** e terminando com a análise dos seus (3) **elementos naturais**.

Na Praça Ferreira Tavares podemos encontrar elementos com traço arquitetónico mais relevante e histórico que os presentes na Praça da Alameda. Assim, na sua delimitação encontramos edifícios de arquitetura contemporânea, como é o caso edifício do Tribunal da Comarca, bem como outros com linhas arquitetónicas mais antigas. São exemplo disso o edifício da Câmara Municipal que apesar de já ter sofrido intervenções preserva ainda alguns desse traçado histórico. Existem ainda outros edifícios tanto comerciais como habitacionais com fachadas de diferentes tipos e escalas. Na praça da Alameda, esses traços não existem, sendo o edifício mais simbólico o edifício do Cineteatro Alba. Este edifício que no passado era representativo da arquitetura moderna, hoje é um edifício completamente restaurado e de linhas contemporâneas.

Ainda em termos de identidade, e a nível de pavimentos, é notória a diferença entre ambas as praças. Na Praça da Alameda a pavimentação é na sua maioria efetuada em lajetas de granito, com delimitação da praça através da utilização de cubos de granito, alguns deles formando a típica Calçada Portuguesa. Por outro lado, toda a pavimentação existente na Praça Ferreira Tavares é constituída por Calçada Portuguesa, conferindo-lhe assim um cariz mais formal e histórico.

Das características acima referidas e identificadoras dos espaços, podemos constatar que em termos de tipologia elas são opostas: enquanto que a Praça Ferreira Tavares assume-se como um espaço fechado e delimitado pelos elementos circundantes, tanto arquitetónicos como elementos naturais (como é o caso do contorno natural estabelecido pela utilização de árvores), a Praça da Alameda 5 de outubro define-se como um espaço amplamente aberto, independentemente da existência de elementos de carácter arquitetónico e também de elementos naturais como é o caso das árvores presentes no espaço.

Também a nível das infraestruturas as praças diferem substancialmente entre si. Se a Praça da Alameda, totalmente aberta, é delimitada por uma via marginal de dois sentidos e principal em termos de circuito de comunicação no centro da Cidade, orientada para oeste e este, existindo do lado contrário uma rua transversal que permite não só o acesso à via-férrea como o contorno de toda a praça e o acesso público ao edifício central da mesma, o Cineteatro Alba. Existe ainda via secundária estreita apresentando passeio para peões e que permite o acesso entre a praça e o aglomerado comercial/habitacional existente nas redondezas, existindo ao longo desta via diversos becos típicos.

De forma oposta, a Praça Ferreira Tavares é delimitada pelos edifícios arquitetónicos que a circundam, não existindo nenhuma via principal de passagem anexa à mesma. Assim, a Praça é circundada por uma via secundária, maioritariamente utilizada para acesso à mesma e ao seu jardim público. A ligação a esta via secundária pode estabelecer-se segundo três eixos: o eixo constituído pela histórica e típica Avenida Napoleão Luiz Ferreira Leão de sentido único, o eixo secundário de duplo sentido formado pela rua frontal ao edifício da Câmara Municipal, e ainda pelo acesso conseguido através de uma travessa situada por detrás do edifício do Tribunal.

A Praça Ferreira Tavares por ser constituída por mais jardins e menor quantidade de espaço pavimentado e de vias de circulação não assume uma expressão tão coletiva como o caso da Praça Alameda 5 de outubro. Por outro lado, o desenho dos pavimentos em calçada é totalmente diferente nas duas praças. Na primeira trata-se de um desenho com características mais figurativas, enquanto que na segunda assume um desenho de características mais abstratas.

Poderá parecer irrelevante, mas deve assinalar-se a transformação de uma “arte de pedra” ou das Calçadas Portuguesas que se espalhou pelo mundo como sinal de uma identidade Portuguesa. Numa espécie extensivamente aplicada de Norte a Sul do país. Uma exceção talvez discutível e caricatural no Largo do Toural em Guimarães, capital da cultura. O Largo do Toural assume um estilo abstrato e exclusivo pois não tem as características do desenho nem da técnica da Calçada Portuguesa. Existe no seu desenho uma repetição de padrão, tendo como motivo a concha e o mar e o desaparecimento do Sul da pedra branca.

A Praça Ferreira Tavares foi construída mais lentamente ao longo do tempo numa sequência de peça a peça. Por outro lado, a Praça Alameda 5 de outubro foi o campo da feira (fora de porta), tendo demorado a consolidar os seus limites. Neste caso a sua identidade é definida a partir da qualidade dos seus limites. Nunca teve uma finalidade simbólica, tendo sempre na sua origem razões práticas. Ou seja, servir como suporte à feira, e como parque de estacionamento. Durante as várias etapas da sua construção foram sendo utilizados diversificados pavimentos estando sempre associada a vários projetos, sem conteúdos programáticos sólidos e significantes os quais não resultam imediatamente. A situação desta praça deve-se em grande medida a falhas temporais e à força crítica da população de Albergaria, à força económica e cultural da sociedade local. Enfim, poder-se-ia dizer da vida.

Finalmente, e tendo em conta uma caracterização baseada na diversidade dos seus elementos, ambas as praças apresentam características que as distinguem de forma evidente. Por um lado, temos a Praça Ferreira Tavares onde a simetria dos seus

elementos e o posicionamento dos mesmos é evidente. Destacam-se essencialmente as formas retangulares com imensas repetições: quer a nível das árvores, dos canteiros, bancos de jardim e o lago posicionado de forma central. A principal exceção que encontramos no eixo de simetria desta praça é essencialmente formada pelos elementos arquitetónicos que se encontram a Nordeste e no lado oposto: o edifício da Câmara e a Avenida Napoleão Luiz Ferreira Leão.

Na Praça da Alameda 5 de outubro essa mesma simetria não existe de todo. Poderemos mesmo afirmar que a principal semelhança entre ambas reside na sua forma retangular. Outra semelhança que podemos observar está relacionada com a utilização em ambas de áreas ajardinadas, embora com formas diferentes.

O nosso trabalho desenvolveu-se assim em torno de dois Espaços Públicos centrais e contíguos da cidade de Albergaria-a-Velha:

- A Praça Ferreira Tavares (1) com 79 metros de comprimento por 32 metros de largura, orientada a Nordeste/Sudoeste. A Sudeste da mesma situa-se o edifício da Câmara Municipal (2) com 35 metros de comprimento por 20 metros de largura. Um bloco comercial/habitacional (3) delimita a praça Noroeste, existindo a Oeste o edifício da Junta de Freguesia (4) com 20 metros de comprimento e 14 metros de largura. Esta praça é confrontada a Sudeste pelo edifício do Tribunal da Comarca (5) com 48 metros de comprimento e 25 metros de largura. A Nordeste da praça situa-se a Avenida Napoleão Luiz Ferreira Leão (6) na qual se têm posicionado ao longo dos anos vários edifícios característicos, nomeadamente instituições bancárias, de comércio, de Restauração e de habitação.
- A Praça Alameda 5 de Outubro (7) com 100 metros de comprimento por 50 metros de largura, orientada a Oeste/Este. É confrontada a Norte por um bloco comercial/habitacional (8), e a Este pelo edifício do Cineteatro Alba (9) com uma frente de 28 metros orientada a Oeste e a Este uma largura de 26 metros, com um comprimento de 40 metros. A Sul a praça faz fronteira com o edifício da linha ferroviária (10) com 23 metros de comprimento e 7 metros de largura. A Oeste é confrontada com o edifício da Câmara Municipal, e um bloco de edifícios bancários e de restauração (11), existindo a Noroeste uma rotunda como ponto de interligação entre as duas praças (12).



Figura 61 – Análise comparativa das características de ambas as praças (Planta: Bruna Melo, 2016).

- | | |
|--|----------------------------------|
| 1 – Praça Ferreira Tavares | 7 – Praça Alameda 5 de Outubro |
| 2 – Câmara Municipal | 8 – Bloco Comercial/Habitacional |
| 3 – Bloco Comercial/Habitacional | 9 – Cineteatro Alba |
| 4 – Junta de Freguesia | 10 – Estação Ferroviária |
| 5 – Tribunal da Comarca | 11 – Bloco Comercial |
| 6 – Avenida de Napoleão Luiz Ferreira Leão | 12 – Rotunda |

5.2. Tendências Urbanísticas

Podemos analisar os espaços públicos objeto deste trabalho segundo diferentes vertentes. Vamos de seguida, e de forma resumida e sistemática, efetuar uma breve descrição dos mesmos de acordo com um conjunto de tendências caracterizadoras dos espaços tendo como base o conjunto das 100 tendências urbanas apresentadas pelo BMW GUGGENHEIM LAB (Guggenheim Lab, 100 Urban Trends).

Considerando os espaços verdes, a tendência que se verifica a nível da cidade de Albergaria-a-Velha é que os mesmos têm sido desvalorizados ao longo dos últimos anos. Por exemplo, se analisarmos ambos os espaços públicos, verifica-se que enquanto na Praça Ferreira Tavares os espaços verdes têm sido preservados de forma sistemática ao longo dos tempos (tanto em termos de pequenos jardins como de árvores), no caso da Praça da Alameda 5 de outubro esses espaços verdes têm vindo a diminuir ao longo das sucessivas intervenções que a mesma tem sofrido. Tal implica, que na primeira ainda é usual constataremos a sua utilização pelos cidadãos como espaço de lazer, tal não acontecendo na Praça da Alameda a qual é mais utilizada como mero ponto de passagem e de acesso aos diferentes equipamentos que a circundam.



Figura 62 – Utilização pelos munícipes do espaço público da Praça Ferreira Tavares (Foto: Bruna Melo, 2015).

Tal como já havíamos anteriormente referido, a Praça Ferreira Tavares, quando comparada com a Praça da Alameda, é um espaço que podemos definir como fechado. De facto, e apesar de não existirem na cidade de Albergaria-a-Velha espaços públicos que permitam grandes aglomerados de pessoas no caso de eventos públicos de maior dimensão, a Praça da Alameda constitui-se como um dos principais, senão único, espaço público aberto, facilitando assim a realização de eventos socioculturais e desportivos da cidade. Em termos de acessibilidades, esta praça pode considerar-se bem conseguida, sendo também por si um excelente ponto de acesso ao espaço de público de cariz cultural mais característico da cidade – o Cineteatro Alba. Em contraste, temos o espaço público da Praça Ferreira Tavares, cujas acessibilidades em termos de desenho arquitetónico são bastante reduzidas, apesar de se constituir como um ponto de acesso quer ao Tribunal da Comarca quer ao edifício central da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha. Um ponto interessante nesta análise das acessibilidades do

espaço público é a caracterização da população da cidade e que se torna alvo do mesmo. A esse nível, verificamos que existiu um substancial aumento da população da cidade durante as últimas décadas, existindo também, e tal como a tendência a nível mundial, um envelhecimento significativo da mesma. Considera-se por isso, que o desenho da nova Praça da Alameda 5 de outubro é no capítulo das acessibilidades um bom exemplo tendo em conta a sua estrutura aberta e a preocupação com os cidadãos com mobilidade reduzida.



Figura 63 – Comparação entre praças: espaço público aberto vs. espaço público fechado (Fotos: Bruna Melo, 2016).

A nível das acessibilidades, mas tendo em conta a política de transportes, a cidade em si, e talvez pela sua ainda reduzida dimensão, não apresenta uma política bem definida em termos da estrutura de transportes. Apesar da existência de uma linha ferroviária, com um passado histórico significativo na região, a mesma é na atualidade praticamente ignorada pela população enquanto opção de deslocação. Associada a essa tendência, verificamos a existência do antigo edifício da estação ferroviária junto ao espaço público da Praça da Alameda que se encontra atualmente inoperacional. Fica aqui desde já uma pergunta: não seria possível e desejável pensar numa reestruturação desse mesmo edifício de modo a torná-lo útil para o público em geral, e dessa forma revitalizar o espaço da Alameda que lhe é circundante? Mais, pelo seu posicionamento estratégico e pelo seu significado histórico, não seria importante analisar e avaliar qual a melhor forma de fazer rejuvenescer este meio de transporte e com isso revitalizar todo o espaço melhorando o funcionamento da linha ferroviária?

Ainda na linha da política de transportes e acessibilidades verificamos que a nova reestruturação da Praça da Alameda já encerra em si uma tendência de considerar os meios de transporte alternativos como uma boa opção para a organização do espaço público central da cidade. Prova disso são a existência de parques para estacionamento de bicicletas na nova Praça da Alameda, bem como a colocação de barreiras arquitetónicas como forma de limitar o acesso de outros tipos de veículos (ver figura 64). Contudo, não se pode considerar que esta seja já uma política estratégica bem definida, pois, e ao contrário de outras cidades similares como é o caso da cidade de Águeda, ainda não foram desenhados nem implementados circuitos específicos para as bicicletas. Muito embora, seja comum verificarmos a sua utilização na Praça da Alameda, o mesmo já não acontece na Praça Ferreira Tavares, pois embora não exista qualquer limitação teórica, na prática a sua utilização, em especial nesta última praça, é incomportável com a circulação pedestre uma vez que não existem espaços específicos e delimitados. Por outro lado, e fruto do crescimento populacional,

verificamos que nas vias de acesso a ambos os espaços públicos o número de veículos que nelas circulam, ou mesmo estacionam, é cada vez maior, assumindo já algum carácter de sobrelotação. Aliás, como referido anteriormente, e em especial no caso da Praça Ferreira Tavares, existem nas suas delimitações edifícios com carácter comercial e habitacional, não existindo, contudo, acessos específicos para os mesmos.



Figura 64 – Infraestruturas de suporte a transportes alternativos (Foto: Bruna Melo, 2016).

Em termos de consciência ecológica, também na cidade de Albergaria-a-Velha já podemos encontrar algumas iniciativas. No que ao espaço da Praça da Alameda diz respeito, e na sua atual reestruturação, podemos verificar que a iluminação pública já contempla a utilização de lâmpadas Led que permitem poupanças significativas a nível do consumo energético. No entanto, e em relação à organização arquitetónica da rede de luminárias encontramos algumas questões nomeadamente na utilização de materiais e posicionamento das luminárias face a edifícios com linhas arquitetónicas históricas. Este é mais um ponto de contraste entre as duas praças, uma vez que na Praça Ferreira Tavares a iluminação pública ainda preserva traços mais clássicos com a utilização de candeeiros em ferro decorados com elementos metálicos e de vidro tal como muito utilizado no passado.



Figura 65 – Nova infraestrutura de luminárias na Praça Alameda 5 de outubro (Fotos: Bruna Melo, 2016).

No que se refere à interação dos cidadãos com cada um destes espaços públicos, podemos verificar que a nova Praça da Alameda, em especial por ser um espaço aberto e sem barreiras, funciona como ponto de interligação entre pessoas que eventualmente nem se conhecem. Tal interação é fomentada pela possibilidade que a Praça oferece em especial aos mais jovens, permitindo-lhes a prática de algumas atividades desportivas mais atuais, como o caso de atividades que têm por base a utilização da bicicleta, bem como outros equipamentos como *skates*, patins em linha, etc. Por outro lado, essa mesma característica de espaço aberto permite que o mesmo seja hoje ponte de passagem e de suporte a atividades como as caminhadas e as corridas urbanas. De facto, a este nível a cidade de Albergaria-a-Velha tem assistido a um crescimento significativo neste tipo de iniciativas urbanas de grupo. Como referimos, elas são fomentadas não só por estes espaços urbanos, mas por todo um conjunto de novas infraestruturas e equipamentos urbanos que o município tem disponibilizado aos seus munícipes.



Figura 66 – A Praça da Alameda 5 de outubro como espaço de lazer (Foto: Bruna Melo, 2016).

Contudo, para os que procuram momentos de recolhimento e eventual meditação no seu dia-à-dia, não podemos dizer que a cidade de Albergaria-a-Velha possa ter para os mesmos uma oferta significativa, uma vez que poucos são os espaços urbanos que permitem esse nível de isolamento individual. Comparando ambos as praças podemos, no entanto, considerar que a praça mais antiga, ou seja, a Praça Ferreira Tavares, é a que oferece a esse nível algum eventual espaço para isolamento individual. Tal torna-se possível devido à forma de espaço mais fechado e delimitado, bem como ao maior número de elementos naturais presentes, como sejam as árvores, o pequeno lago e os vários pequenos jardins/canteiros que o constituem.

Ao analisarmos e estudarmos brevemente os comportamentos dos munícipes e a sua frequência de utilização destes dois espaços públicos, somos levados a concluir que apesar do movimento que neles se verifica, trata-se de uma cidade que podemos classificar como “cidade morta”. De facto, se excluirmos da nossa observação temporal todo o movimento derivado à parte de circulação motora, constatamos muito pouco movimento nestes espaços enquanto circulação pedestre de indivíduos. Será que este movimento contínuo e significativo de veículos junto destes espaços não funcionará como um elemento que afasta o público não permitindo assim uma maior utilização por parte do mesmo?

Os principais momentos em que podemos encontrar maior movimento de pessoas nestes espaços são exatamente os fomentados pela realização de eventos socioculturais organizados pelo Cineteatro Alba e por outras entidades socio-recreativas da cidade. Não podemos, contudo, associar este fenómeno somente às características e desenho dos espaços públicos abordados neste nosso trabalho. De facto, pensamos que outros fatores estão neste momento a contribuir para a referida classificação de Albergaria-a-Velha como “cidade morta”. Observamos por exemplo que a nível do comércio local, em especial nas zonas que delimitam os referidos espaços públicos, assiste-se cada vez mais a uma desertificação, sendo muitas as lojas e espaços comerciais vazios ou quase moribundos. Tal fenómeno não é por certo alheio às decisões dos sucessivos executivos camarários, os quais deram o seu aval para a instalação na cidade de grandes superfícies comerciais associadas às cinco principais empresas que operam no território nacional na área do retalho e distribuição comercial.

Da análise efetuada à Praça Ferreira Tavares e à Praça da Alameda 5 de outubro, segundo as diferentes vertentes propostas, podemos concluir que se trata de espaços públicos que funcionam muito bem enquanto pontos de interligação entre diferentes elementos urbanos, com acessibilidades razoáveis. No entanto, se considerarmos a dimensão do lazer e da apazibilidade, concluimos que de facto estes não são um bom exemplo. Mais ainda, porque são os únicos espaços públicos da cidade de Albergaria-a-Velha de maior dimensão e que se adequam a este tipo de interação com o público em geral.

5.3. Elementos Arquitetónicos de Caracterização da Cidade

Um dos locais mais simbólicos da cidade de Albergaria-a-Velha é sem dúvida a sua mais conhecida e movimentada rua – a Avenida Napoleão (figura 67 – As Cores de Portugal). Embora na sua atual configuração já não seja possível encontrar traços da sua evolução ao longo dos diferentes períodos históricos, esta foi uma das ruas de onde partiu todo o desenvolvimento urbano da cidade. Esta é uma rua bastante iluminada e onde a circulação de peões de forma contínua é ainda uma característica que se mantém no tempo. É caracterizada pela existência de passeios largos onde a utilização da calçada portuguesa e do sistema de iluminação baseado em candeeiros de ferro em tons verde-escuro despertam a atenção de quem passa, fazendo dela um ponto importante de acesso e chegada à Praça Ferreira Tavares. Esta via funciona como que uma espécie de portal místico a partir do qual se abre aos olhos de quem nela circula a principal imagem da Praça Ferreira Tavares – uma janela para o principal jardim público

do Concelho. Pena é que em relação a alguns dos principais e emblemáticos edifícios que dela fizeram parte, já não existam quaisquer traços e linhas arquitetónicas que tão sublimemente a definiam. Hoje, a rua é na sua essência uma mescla de edifícios de diferentes propósitos (habitacionais e comerciais) e diversas texturas, onde apesar tudo se pode notar algum padrão a nível da utilização de elementos como a madeira, o metal e o vidro nas portas, janelas e varandins, sendo este último um elemento presente em muitos dos outros edifícios do Concelho. Nesta mistura as cores que predominam e que definem este espaço são o verde-escuro e o vermelho, talvez numa perfeita harmonia com a identidade própria de Portugal.

Entrando na Praça Ferreira Tavares uma das primeiras sensações que do espaço absorvemos é a noção de um espaço aconchegante e onde a ausência de luz predomina. A sua forma retangular é-lhe conferida pelo conjunto de edifícios que definem os seus limites. Nela se destacam dois estilos diferentes: o lado noroeste onde ainda é possível, a quem na praça circula, encontrar casas antigas onde os traços arquitetónicos do passado histórico são ainda bem visíveis. Por um lado, um conjunto de fachadas decoradas tanto por azulejos como por pinturas, destacando-se as janelas, as portas e as varandas pelas suas características históricas. Janelas com contornos exteriores chamativos em pedra e uma estética com algum detalhe, onde a utilização da madeira se conjuga com a utilização do alumínio (figura 68 – Janelas Místicas). Não menos apelativos são os pequenos, mas bonitos, minijardins situados nos parapeitos ou varandins. Aliás, destacam-se de forma acentuada os diversos tipos de varandas que aqui podemos encontrar, formadas em pedra e ferro, e com diferentes formatos a nível do seu gradeamento (figura 69 – Varandas Chamativas). Em sentido oposto destacam-se as portas, maioritariamente em tons azulados, uma vez que neste caso existe uma enorme mescla de materiais e formas utilizadas na conceção das mesmas, anulando por contraste um pouco da mística histórica destes edifícios (figura 70 – Ala Portista da Tavares). No jardim propriamente dito é aprazível o disfrutar dos espaços verdes do mesmo, bem como das imensas tonalidades de cores que os mais diversos tipos de plantas e flores nos permitem admirar e observar. Pena que, contudo, que pela sua forma fechada e de reduzidas dimensões, não é possível neste espaço público usufruir do que é comum esperar de um espaço verde como este. A existência de vias de circulação automóvel em toda a zona envolvente do espaço faz com que seja difícil usufruir aqui de momentos de meditação e isolamento. Ao fundo da Praça e de modo bem destacado torna-se imponente o edifício dos Paços do Concelho, hoje utilizado como edifício da Câmara Municipal. Renovado ao longo dos anos, esta obra preserva ainda muitos dos traços arquitetónicos originais. Muito embora muitos desses traços se tenham mantido, destaca-se na sua parte frontal a porta principal que utiliza o vidro como elemento principal, o que constitui um ponto de contraste com toda a restante obra. O seu portal principal encontra-se alinhado com o eixo central da Praça Ferreira Tavares, constituindo assim como que um ponto terminal da referida praça, permitindo o vidro de que é constituído estabelecer uma imagem de transparência e ao mesmo tempo de reflexo do próprio jardim central (figura 71 – Edifício dos Paços do Concelho). Um similar edifício pode encontrar-se na zona limítrofe da Praça, neste caso, o edifício que serve como Arquivo Municipal e que em tempos serviu como estabelecimento prisional do Concelho (figura 72 – Arquivo Municipal). Quem por aqui passa não pode ficar indiferente ao interessante pormenor arquitetónico que encontramos no edifício adjacente ao edifício da Câmara e que hoje serve como espaço de apoio à Junta de

Freguesia. Por um lado, destaca-se o tom mais acastanhado da pedra utilizada, bem como a pequena cobertura da porta e janelas frontais, e um pequeno elemento arquitetónico em pedra que encima o edifício (figura 73 – Junta de Freguesia). Finalmente, e no que à zona de delimitação da Praça Ferreira Tavares diz respeito, encontramos o edifício de construção recente no seu lado sudeste. Os seus tons cor-de-rosa e cinzento, bem como a predominância na utilização do granito como material de revestimento, faz deste um elemento que não se enquadra, em termos arquitetónicos, com os restantes elementos contextuais e envolventes da Praça Ferreira Tavares (figura 74 – Tribunal da Comarca).

Tal como a Avenida Napoleão Luiz Ferreira Leão, também a Av. Bernardino Máximo de Albuquerque se apresenta como uma via emblemática no contexto histórico da cidade. Nela podemos ainda encontrar um dos mais antigos e belos edifícios, a chamada Casa da Alameda. As cores branco e vermelho tinto são as que melhor definem este edifício característico, no qual podemos encontrar elementos arquitetónicos especiais como os varandins totalmente em ferro e com motivos decorativos que encontramos em diferentes partes do país. Outros pormenores que o tornam distinto passam pela utilização em simultâneo de um telhado em forma de chapéu triangular e platibanda, bem como de óculos na fachada principal e outras janelas encimadas em formas de arco e retangular (figura 75 – Ala Benfiquista da Alameda). De frente a este emblemático edifício encontramos a linha ferroviária e o respetivo edifício da estação de Albergaria-a-Velha de construção típica e comum a todas as restantes estações construídas em Portugal durante a mesma época. Nele se destacam os telhados, o central voltado para a linha e os laterais voltados para cada uma das respetivas laterais. Nesta obra cujas cores predominantes são o branco e o verde, assume uma particular característica a nível dos contornos das suas janelas e portas, onde se utilizam a pedra não como uma pedra única e contínua, mas sim em pequenos blocos de pedra de dimensões diferentes (figura 76 – Estação Ferroviária). Algo que ressalta à vista de quem chega à cidade e visita a estação ferroviária é o panorama com que se confronta do outro lado da referida linha. De facto, aí encontramos um aglomerado de construções recentes e de linhas brutas e medidas desproporcionadas face ao restante contexto, que em nada conjugam com a parte mais histórica e central (figura 77 – Bloco Habitacional e Comercial). Outro ícone que se destaca na envolvente da Praça da Alameda 5 de outubro é o edifício do Cineteatro. Este contempla na sua atual remodelação, um conjunto de linhas arquitetónicas que misturam o contemporâneo com o moderno. Tal como no edifício dos Paços do Concelho, também neste existe uma entrada principal alinhada com o eixo central da Praça da Alameda, e onde o elemento do vidro tem uma utilização significativa, o que faz com que as suas aberturas se destaquem sobremaneira (figura 78 – Cineteatro Alba). No lado oposto à linha ferroviária encontramos um outro aglomerado de edifícios em tons de branco e verde, tanto comerciais como de habitação, não existindo neste caso qualquer linha arquitetónica relevante. Pormenor interessante e de algum destaque é a utilização de caixas de correio junto do gradeamento das janelas de um dos edifícios (figura 79 – Ala Sportinguista da Alameda). É neste ponto que encontramos o maior foco de concentração tanto a nível de comércio como a nível de espaço de esplanadas, sendo espaço utilizado como zona de convívio e lazer. Na remodelação recente deste espaço foram utilizados novos elementos de iluminação pública com características peculiares. Neste caso, luminárias de leds com suportes metálicos em formas geométricas que despertam a atenção e curiosidade dos

transeuntes. Na zona periférica a estes edifícios encontramos um conjunto de pequenas casas, na sua maioria de habitação, que pela utilização de materiais diversos e com distintas formas arquitetónicas constituem um ponto interessante em termos de descrição da forma de vivência da população do espaço interior da cidade (figura 80 – Uma Salsada Arquitetónica de Formas) (figura 81 – Uma Salsada Arquitetónica de Materiais). Circulando pelas suas ruas e becos estreitos e de difícil acesso, ficamos com a sensação de uma vivência muito próxima, sendo esta noção transmitida pela união e proximidade de construção das diferentes casas (figura 82 – Uma Vivência de Proximidade no Contexto Urbano).

Delimitado por todos estes edifícios e vias de comunicação encontramos o segundo espaço público, a Praça Alameda 5 de outubro. Para quem chega e a observa, vislumbra um espaço aberto e repleto de luminosidade, contrastando com a realidade da Praça que lhe é contígua, a Praça Ferreira Tavares. Tratando-se de um espaço caracterizado pela existência de uma menor mancha verde, onde predomina a utilização de pavimentação em blocos cerâmicos com utilização de calçada portuguesa no lado adjacente à estação ferroviária, torna-se numa área de fáceis acessos, o que o torna mais num ponto de passagem do que propriamente numa zona de lazer. Tal se pode comprovar pelo facto de ser este um espaço em que a sua utilização pelo público em geral se fazer sentir essencialmente aquando a realização de grandes eventos, tanto na cidade como no edifício do Cineteatro. Apesar da existência de um coreto na sua zona central, o qual poderia ser utilizado para dinamizar outro tipo de pequenos eventos, em especial os de rua, capazes de atrair e dar nova vida a este espaço, o que se verifica é que tal não acontece. Aliás, não fosse exatamente o facto de se tratar de um espaço de grande acessibilidade e circundado pelos principais eixos de comunicação interna da cidade, e por isso rodeado pelo movimento implícito dos transportes automóveis, e este seria mais um espaço a contribuir para aquilo que hoje notamos na cidade de Albergaria-a-Velha, uma cidade que por circunstâncias diversas tende a ser mais uma das muitas classificadas por zonas mortas, onde as dinâmicas das novas gerações quase não se fazem sentir. Resultado da sua recente remodelação, verificamos nele a existência de uma nova e moderna linha arquitetónica, tanto a nível de elementos como as proteções de passeios e disponibilização de lugares para as novas formas de locomoção como o são as bicicletas, como a nível da sua infraestrutura de iluminação pública, onde encontramos já a utilização de postes de iluminação com *design* moderno e usando lâmpadas leds. No entanto, sendo este um dos principais espaços públicos da cidade, não é atualmente um espaço que confira por si mesmo à cidade uma nova dinâmica que importa cada vez mais explorar e incentivar nas novas cidades urbanas.

Na continuidade dos espaços verdes que constituem as duas Praças, a Cidade de Albergaria-a-Velha apresenta uma grande heterogeneidade no que diz respeito à utilização de árvores, não só nos espaços contíguos às referidas praças, mas também ao longo de outras vias e pontos da cidade. Não existe assim uma política urbana concertada neste capítulo. Na diversidade, tanto de tipos de árvores e plantas como de cores e texturas, podemos encontrar desde árvores de fruto que conferem à cidade um ar mais pitoresco e provincial, até árvores de características mais exóticas (figura 83 – Diversidade de Elementos Verdes).



Figura 67 – As cores de Portugal (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).



Figura 68 – Janelas místicas (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).



Figura 69 – Varandas chamativas (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).



Figura 70 – Ala Portista da Tavares (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).



Figura 71 – Edifício dos Paços do Concelho (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).

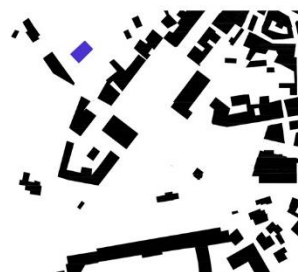


Figura 72 – Arquivo Municipal (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).



Figura 73 – Junta de Freguesia (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).



Figura 74 – Tribunal da Comarca (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).



Figura 75 – Ala Benfiquista da Alameda (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).



Figura 76 – Estação ferroviária (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).



Figura 77 – Bloco habitacional e comercial (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).



Figura 78 – Cineteatro Alba (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).



Figura 79 – Ala Sportinguista da Alameda (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).



Figura 80 – Uma salsada arquitetónica de formas (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).



Figura 81 – Uma salsada arquitetônica de materiais (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).



Figura 82 – Uma vivência de proximidade no contexto urbano (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).



Figura 83 – Diversidade de elementos (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).

5.4. Análise Comparativa do Espaço Público

Da análise do espaço em estudo neste trabalho, e por comparação com outros espaços, tanto na própria cidade de Albergaria-a-Velha como em outras, podem destacar-se alguns deles que pelas suas características de alguma forma se podem considerar em parte semelhantes ou análogos.



Figura 84 – Planta da Praça São Lázaro – Porto (extraído: <http://doportoenaoso.blogspot.pt/2015/02/o-jardim-que-foi-primeiro-da-cidade-2.html>).

Na figura 84 encontramos um exemplo do espaço público associado à Praça São Lázaro onde podemos verificar a existência de um pequeno lago ao centro e caminhos pedonais simetricamente posicionados formando entre si pequenos espaços ajardinados e com árvores a delimitar a área. Este conjunto de características fazem com que este espaço seja em parte análogo ao espaço público subjacente à Praça Ferreira Tavares (figura 85).



Figura 85 – Praça Ferreira Tavares (Foto: Bruna Melo, 2016).

Por outro lado, a Praça São Lázaro é completada com o espaço público associado à Praça Poveiros (figura 86). Considera-se esta complementaridade um fator importante que poderia ser utilizado na definição do espaço analisado neste trabalho, nomeadamente a Praça Alameda 5 de Outubro, como um elemento capaz de lhe conferir mais qualidade. Tal como pode ser obtido através amplo, plano e pavimentado tal como o que se pode encontrar na Praça Poveiros.



Figura 86 – Imagem da Praça Poveiros – Porto (extraído: <http://street4all.blogspot.pt/2013/03/passeio-de-sao-lazaro-e-praca-dos.html>)

A Praça 2 de Maio da cidade de Viseu (figura 87) constitui outro exemplo de um espaço público cujas características específicas, particularmente os eixos simetria e simplicidade, poderiam beneficiar o espaço da Praça Ferreira Tavares.



Figura 87 – Imagens da Praça 2 de Maio – Viseu (extraídos: <https://www.publico.pt/2015/10/08/local/noticia/ha-17-ideias-para-reinterpretar-praca-com-assinatura-de-siza-vieira-em-viseu-1710532>).

O espaço público da Trindade (figura 88, 89, 90), na cidade do Porto tem como característica determinante para a sua definição a junção do espaço público verde com o espaço pavimentado. Esta característica que permite uma dupla utilização pelo público é um fator que poderia também aumentar a usabilidade do espaço público da cidade de Albergaria-a-Velha.



Figura 88 – Foto da vista inferior da Trindade (Foto: Bruna Melo, 2012).



Figura 89 – Foto da vista superior da Trindade.



Figura 90 – Foto vista área da Trindade.

Em termos de área ocupada o espaço da Trindade assemelha-se aos dois espaços públicos da cidade de Albergaria-a-Velha. Na Trindade a área ocupada pelo espaço verde é superior à área pavimentada, o mesmo acontecendo no caso dos espaços da cidade de Albergaria-a-Velha. Contudo, no caso da Trindade os espaços verdes são menores em números e maiores em área, uma realidade diferente da que se verifica no caso dos espaços de Albergaria-a-Velha. Por esse motivo a mancha de espaços verdes é mais irregular neste último caso. Em termos de dimensões a Praça da Trindade na cota inferior apresenta um comprimento de 150 metros por 35 metros de largura, tendo na cota superior um comprimento de 95 metros por 35 metros de largura.

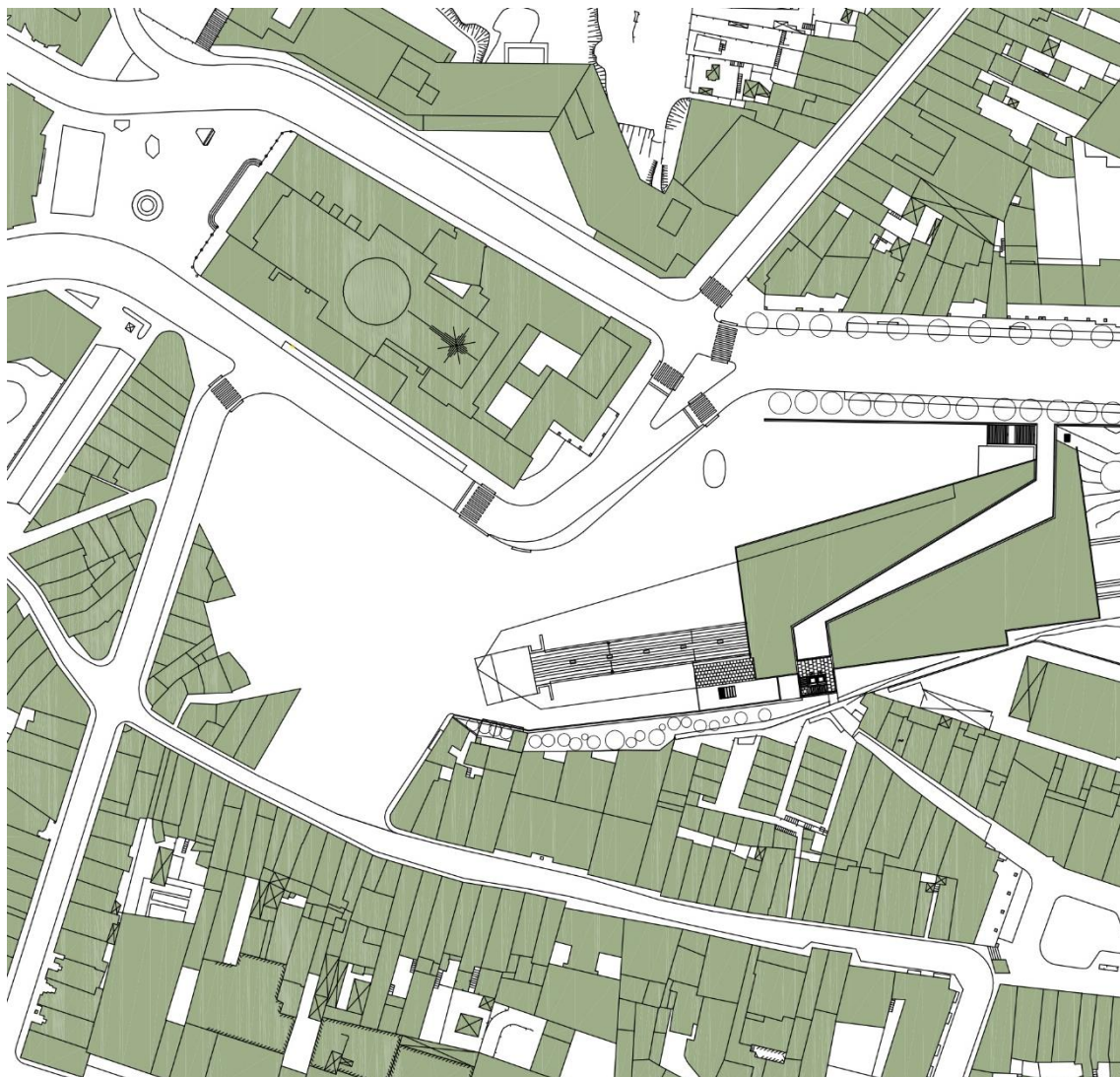


Figura 91 – Planta da Trindade (Planta: Bruna Melo, 2012)

Escala 1.8000



Figura 92 – Planta de Alameda 5 de Outubro (Planta: Bruna Melo, 2016)

Escala 1/8000



Figura 93 – Espaço em Valência (Foto: Bruna Melo, 2011).



Figura 94 – Espaço em Valência (Foto: Bruna Melo, 2011).

Neste espaço público (figura 93), a sociedade conjuga com este tecido as diferentes cores e qualidades permitindo o equilíbrio entre espaço e a energia do mesmo. Os comportamentos ou emoções do espaço permitem transmitir a direção e a forma circular em oposto à forma retangular da praça. A relação entre o comportamento e o espaço permite observar as formas e as cores, fazendo com que o espaço seja muito mais que um lugar de passagem.

“O modo como as pessoas se orientam e deslocam de um lugar para outro releva a sua cultura de origem e o mundo de percepções que, através dela, adquiriram.” (Hall, 1986, p. 84)



Figura 95 – Espaço em Valência (Foto: Bruna Melo, 2011).



Figura 96 – Espaço em Valência (Foto: Bruna Melo, 2011).

A ligação das crianças com os jovens e adultos do poder popular (figura 94), a exploração da estrutura/forma, as técnicas para analisar o comportamento estrutural, e

o tipo de carga ou o próprio peso podem ser explorados e oferecem diferentes possibilidades estruturais e de textura.

“O que é desejável é a flexibilidade do espaço e uma consequência entre o plano e a função, garantindo uma variedade de espaços que se prestem ou não aos contactos referidos conforme as ocasiões e os humanos dos indivíduos.” (Hall, 1986, 128)

A sociedade de forma individualizada não consegue criar determinadas formas, tais como as formas convexas ou concavas que se destacam nas figuras 95 e 96, as quais só pela força coletiva são possíveis de atingir.

“Sugeríamos que a comunicação se estabelece simultaneamente a diferentes níveis, do plenamente consciente ao inconsciente.” (Hall, 1986, p. 15)

Embora parte das construções possa ser entendida e tenham âncora no processo genético subjacente a cada indivíduo da sociedade (nível inconsciente), outra parte resulta do processo de aprendizagem ao longo do tempo (nível consciente), sendo utilizadas não só as próprias ferramentas que fazem parte do indivíduo, mas também as que ele próprio vai construindo ou lhe são disponibilizadas. (Otto, 2005, p. 34)



Figura 97 – Espaço em Polónia (Foto: Bruna Melo, 2012).



Figura 98 – Espaço em Polónia (Foto: Bruna Melo, 2012).



Figura 99 – Espaço em Polónia (Foto: Bruna Melo, 2012).



Figura 100 – Espaço em Polónia (Foto: Bruna Melo, 2012).

Neste espaço público define-se um percurso para o encontro da parte central, o qual evolui para que a sociedade veja o símbolo do tempo da Era Romana. Mais uma vez, requer uma estrutura de cobertura temporânea e mínima para a estimulação do conhecimento do que é ou pode ser um espaço público. Além disso, transmite uma convivência entre gerações diferentes. (figura 97)

“Os meios ambientes arquiteturais e urbanos criados pelo homem são a expressão deste processo de filtragem cultural.” (Hall, 1986, p.13)

Na exploração desta estrutura e forma, as técnicas para analisar o comportamento estrutural, eram considerados imutáveis.

A diferenciação de escala entre o espaço público e utilização dos materiais em forma de fitas permite dar a noção de existência de um segundo plano (Távora, 2006 F. pág. 52/53).

Também aqui se destaca a utilização das cores como elemento de diferenciação do espaço público, permitindo as mesmas traduzir diferentes níveis de conforto. (figura 98 e 99)

Neste desejo de encantar, introduziram-se materiais novos, fitas de plástico em várias cores, e materiais desconhecidos num contexto normal e pré-determinado. A junção de esses materiais com os elementos naturais, como é o caso das árvores e das flores, transmite uma noção de perfeita harmonia (figura 100).

“O relevo dos objetos é particularmente pronunciado: volume, matéria e forma apresentam uma qualidade sem igual a qualquer outra distância. De igual modo, as

texturas são claras e nitidamente percebidas nas suas diferenciações.” (Hall, 1986, p. 140)

5.5. Tecido Urbano: Lã e Algodão

Após construída a maquete relativa à zona central da cidade de Albergaria-a-Velha, e que corresponde à área de implementação e área circundante da Praça Ferreira Tavares e Praça da Alameda 5 de outubro (figura 101), podemos tecer alguns comentários e análises relativas a aspetos arquitetónicos deste espaço.



Figura 101 – Google maps vs Maquete do espaço central.

Numa perspetiva da maquete vista de cima facilmente concluímos que nesta zona toda a parte edificada se baseia essencialmente em edifícios de pequena ou média dimensão, e que em termos de altura são na sua maioria formados por blocos térreos ou de dois pisos. As exceções a esta última observação verificam-se a nível de edifícios com cariz público, como são o caso do edifício do cineteatro e o edifício dos Paços do Concelho no qual se situam atualmente as instalações da Câmara Municipal. Paralela à linha férrea, e na parte situada a Sul da maquete, encontramos já um padrão de construção que tanto em forma como em altura se destaca do restante padrão da parte mais antiga e central da cidade. Isto porque, esta é já uma área que dá seguimento à parte nova da edificação da cidade, e a qual se caracteriza pela existência de um maior número de aglomerados de edifícios, essencialmente habitacionais, com três ou mais pisos e em linhas contínuas (figura 102).

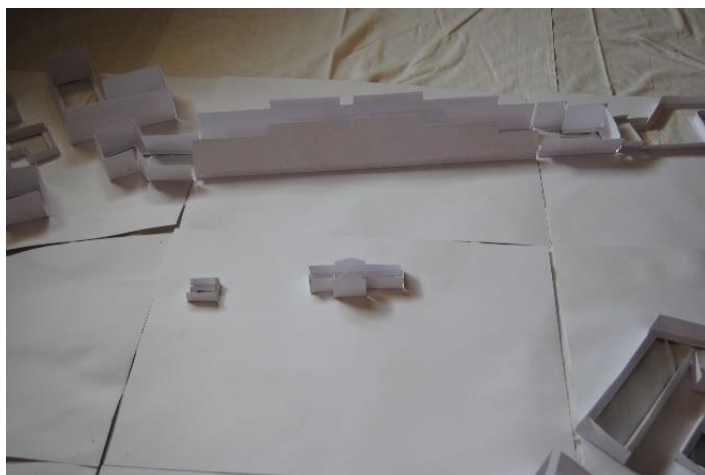


Figura 102 – Parte Sul da maquete (zona de seguimento da parte nova da cidade)

Na parte Nordeste da maquete, na zona que circunda ambas as praças, verificamos também a existência de uma macha de edificado com características muito próprias. Nomeadamente, com a existência um número significativo de edifícios, muitos habitações unifamiliares, de volume reduzido, de formas muito diversas formando entre si canais de comunicação como pequenas vielas e becos (figura 103). Por outro lado, na zona mais a Noroeste da maquete, o padrão já é ligeiramente diferente, verificando-se a existência de uma malha urbana mais densa e com linhas e formas de cariz contínuo, na qual se destaca uma das vias de comunicação mais antigas e simbólicas do Concelho, a Avenida Napoleão Luís Ferreira Leão (figura 104).



Figura 103 – Malha habitacional da zona Nordeste da cidade.

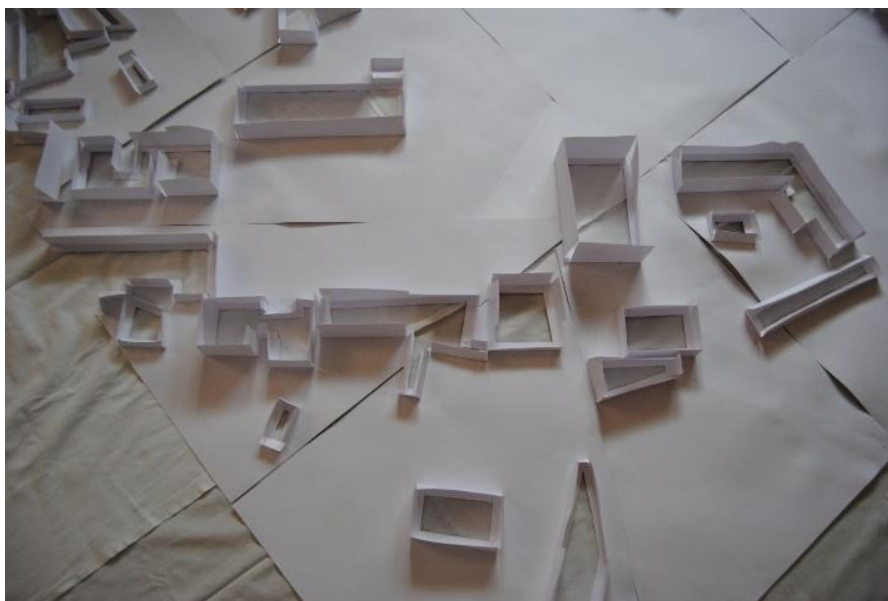


Figura 104 – Malha habitacional da zona Noroeste da cidade.

Por fim, e de uma análise da perspetiva global da maquete podemos destacar alguns aspetos. Por um lado, o facto de não existir qualquer simetria entre os diferentes blocos principais da malha urbana em questão. No entanto, na área de maior densidade do edificado, a zona Nordeste, os pequenos blocos nas suas diferentes formas conferem a sensação de um encaixe mais harmonioso embora não perfeito (figura 103). Por outro lado, a área ocupada pela via-férrea, e que se situa na área central da cidade, acaba por formar uma pequena mancha de vazio em termos de malha urbana, na qual se destaca de modo completamente isolado o edifício da estação ferroviária numa forma retangular e com uma arquitetura muito própria e típica (figura 105).



Figura 105 – Zona central ocupada pela estação e linha ferroviária.

6. Conclusões

A escolha do tema desta dissertação ficou, numa primeira fase, a dever-se ao facto de que ao longo do Curso de Mestrado Integrado de Arquitetura, da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, o espaço público ter sido sempre uma das questões transversais e presentes na elaboração dos vários trabalhos de projeto. Em particular, o trabalho desenvolvido no projeto do segundo ano fez nascer em mim o interesse pelo processo do espaço público e as suas relações com a envolvente edificada e os percursos que nela se estabelecem. No seguimento das unidades curriculares atrás referidas, o Projeto do quarto ano, com o acompanhamento da unidade curricular de Teoria III, resultou numa aprendizagem mais focalizada no espaço público, permitindo assim ultrapassar as dificuldades sentidas ao longo do curso em termos da compreensão da referida temática. Numa segunda fase, o interesse pelo tema do espaço público foi adicionalmente reforçado pelas experiências pessoais vividas e os conhecimentos adquiridos com a visita a outras cidades e culturas diferentes. Dessas experiências ressaltou a necessidade de valorizar o lado sensitivo do espaço perante a sociedade no seu geral.

Várias foram as cidades Europeias que visitei e que, de uma forma ou de outra, me despertaram especial interesse pela questão dos espaços públicos: Bilbao em 2010 (figura 106), Sevilha em 2011 (figura 107), Praga em 2012 (figura 108), Gdańsk em 2012 (figura 109), Verona em 2014 (figura 110), Ferrara em 2014 (figura 111), Vicenza em 2014 (figura 112), Basel em 2015 (figura 113), Veneza em 2014 (figura 114) e Amsterdão em 2015 (figura 115).



Figura 106 – Bilbao, Espanha (Foto: Bruna Melo, 2010).



Figura 107 – Sevilha, Espanha (Foto: Bruna Melo, 2010).

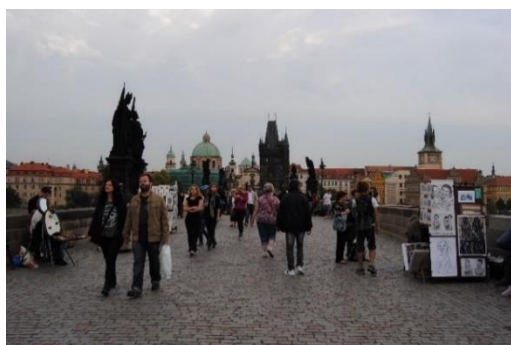


Figura 108 – Praga, República Checa (Foto: Bruna Melo, 2012).

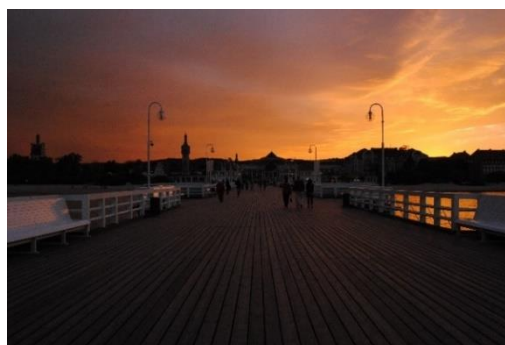


Figura 109 – Gdańsk, Polónia (Foto: Bruna Melo, 2012).



Figura 110 – Verona, Itália (Foto: Bruna Melo, 2014).



Figura 111 – Ferrara, Itália (Foto: Bruna Melo, 2014).



Figura 112 – Vicenza, Itália (Foto: Bruna Melo, 2014).



Figura 113 – Basel, Suíça (Foto: Bruna Melo, 2015).



Figura 114 – Veneza, Itália (Foto: Bruna Melo, 2014).



Figura 115 – Amesterdão, Holanda (Foto: Bruna Melo, 2015).

Para mim estes espaços constituíram mais do que uma experiência visual, porque estão associados a sons, comunicação, atmosfera, múltiplas sensações, pessoas, imaginação e muito mais do que aquilo que consigo descrever. Aspetos como a existência de pequenas barraquinhas onde se venda de forma tradicional produtos característicos da região, a existência de músicos atuando ao vivo e cores, a presença de elementos naturais como a água que permitem a recriar espelhos da envolvente arquitetónica e a dinamização humanizada dos espaços através da utilização de veículos alternativos como a bicicleta, constituem para mim elementos que definitivamente contribuem para o conceito de conforto, utilidade e humanização dos espaços públicos.

Finalmente, a experiência vivida com a minha estadia na cidade de Ferrara em Itália, para a realização do Programa Erasmus, contribuiu definitivamente para a decisão de estudar e analisar nesta dissertação um espaço público.

De todas estas experiências vivenciadas na primeira pessoa, resultou a escolha de um espaço público que me fosse especialmente familiar para dele elaborar de forma mais minuciosa um estudo segundo as diversas vertentes enumeradas no primeiro capítulo da dissertação. Embora inicialmente essa escolha tivesse recaído de forma compreensível sobre os principais espaços públicos da cidade de Albergaria-a-Velha, foi posteriormente considerada a hipótese de analisar um outro espaço, mais próximo e de características bastante distintas – um espaço público situado no Cabeço de Santo Estevão – um pequeno lugar pertencente à freguesia de Alquerubim, freguesia essa onde resido. A temática do espaço público neste caso seria analisada mais numa vertente de experiências vividas através da realização de um evento com cariz natalício. No entanto, e tal como referido no capítulo introdutório da dissertação, por motivos de ordem económica e logística esta escolha veio a ser abandonada, tendo-se centrado o trabalho de novo no espaço público central da cidade de Albergaria-a-Velha, tal como inicialmente previsto. De referir que, para estabelecer algumas análises comparativas com estes espaços da cidade de Albergaria-a-Velha, nomeadamente a nível de formas, medidas e perspetivas de utilidade, estabeleceu-se também uma breve análise de dois espaços públicos da cidade do Porto, cidade na qual residi durante a realização do meu curso. Por um lado, analisou-se a Praça de Poveiros dada a grande semelhança que existe em termos de forma com uma das praças estudadas – a Praça Ferreira Tavares. Por outro lado, a escolha da Praça da Trindade foi utilizada como ponto de comparação, especialmente em termos de medidas, com a segunda Praça estudada neste trabalho – a Praça da Alameda 5 de Outubro.

Numa primeira fase do trabalho proposto nesta dissertação, procurou-se identificar os diferentes recursos e canais para recolha de todo um conjunto diversificado de informação relativa às praças de Albergaria-a-Velha acima referidas. A primeira e principal entidade contactada foi a Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha. Neste caso, e após autorização superior obtida junto do atual presidente da mesma, o Engenheiro António Loureiro, iniciou-se uma pesquisa de recursos (fotografias, mapas, atas, relatórios, etc.) e de referências bibliográficas junto do Arquivo Municipal e da Biblioteca Municipal de Albergaria-a-Velha. Um dos pontos que se revelou de especial interesse para esta pesquisa inicial foi o contacto estabelecido com o Dr. Delfim Bismark, atual Vice-Presidente do Município e um historiador reconhecido na cidade e com várias obras publicadas sobre a história da mesma. Posteriormente, estabeleceu-se contacto e efetuou-se uma visita à Secção Urbanística da Câmara Municipal (ver Anexo I), não só para recolha de informações e dados relativos ao planeamento urbanístico da cidade, mas também para a importante recolha de opiniões dos atuais elementos que compõem o Gabinete de Arquitetura da Câmara: o Arquiteto Eduardo Ferreira, e as Arquitectas Mónica Bandeira e Conceição Silva. Foi assim realizada uma entrevista (ver Anexo II) com o intuito de perceber a opinião dos mesmos sobre o desenvolvimento da profissão de Arquiteto a nível das autarquias de uma forma geral, tentando-se também obter a sua visão em especial sobre a malha urbana e a obra arquitetónica da cidade de Albergaria-a-Velha.

Após recolhidos os vários elementos caracterizadores dos espaços públicos e da sua história, iniciámos um estudo e uma análise mais detalhada dos mesmos. Assim, e para além dos elementos recolhidos na primeira fase, essencialmente de cariz histórico e descritivo, foi necessário perceber a dinâmica dos mesmos numa perspetiva diferente e de acordo com uma opinião formada com base na própria visão, experimentação e vivência pessoal. Para tal, considerou-se numa primeira etapa a realização de sessões de fotografia dos espaços em estudo. Estas sessões fotográficas foram realizadas numa sequência pré-determinada e com objetivos específicos em cada uma delas. Numa primeira sessão optou-se por recolher imagens fotográficas de ambas as praças em perspetiva e de natureza global, captando assim toda a essência e contexto das mesmas. Para tal, foram recolhidas fotografias a partir de pontos elevados contíguos às referidas praças (por exemplo, a partir do topo do edifício dos paços do Concelho). Numa segunda sessão foram obtidas imagens fotográficas, em especial de elevado pormenor, com o objetivo de captar os principais elementos históricos caracterizadores da arquitetura e património relevante da cidade. Neste conjunto incluíram-se, por exemplo, fotografias tanto de edifícios públicos históricos como de edifícios habitacionais de particulares. Procurou-se documentar nesta sessão os pormenores relativos a elementos como portas, janelas, varandas e outros considerados importantes para a caracterização pretendida. Finalmente, numa última sessão, foram obtidas fotografias dos alçados relativos aos edifícios envolventes às praças em análise. Contudo, no decorrer do trabalho, estas últimas fotografias acabaram por não ser utilizadas tendo em conta a metodologia de estudo pela qual se optou. Paralelamente à realização das sessões de fotografias, efetuou-se uma análise observacional dos espaços e da sua envolvência com o intuito de melhor compreender e estudar a dinâmica social e de vivência implícita aos mesmos.

Terminado o estudo de observação dos espaços e a caracterização dos mesmos, através das referidas sessões fotográficas, deu-se início a uma terceira fase do trabalho.

Nesta fase, e com base nas plantas topográficas recolhidas durante a primeira fase de pesquisa, começou-se por completar essas mesmas plantas, adicionando às mesmas vários elementos de caracterização arquitetónica como sejam os pavimentos, as árvores, e a identificação de volumes para melhor percepção dos espaços. Como ferramenta de desenho e de apoio à realização desta tarefa utilizou-se o programa AutoCAD. No seguimento desta tarefa, iniciou-se a construção de uma maquete de estudo relativa aos espaços em causa. A maquete construída, como se de um projeto se tratasse, foi uma opção tomada no sentido de melhor suportar toda a análise pretendida. De facto, a utilização dos vários instrumentos tornou-se indispensável na análise dos projetos existentes e relativos aos espaços estudados. Através da maquete construída é possível visualizar de forma mais concreta a relação entre os espaços cheios e os espaços vazios, e descobrir o tipo de volumes existentes e a sua relação (algo que as fotografias, por si só, nem sempre permitem, confundindo por vezes a própria leitura de quem as observa). Efetivamente, com as cartolinas brancas, material pelo qual se optou neste trabalho, conseguimos uma melhor abstração face a muitos dos pormenores, por vezes confusos, de materiais mal aplicados e de cores que acabam em muitos casos por não permitir ao observador pensar e sentir a arquitetura na sua plena expressão. Ainda em termos da construção da maquete, optou-se por utilizar a escala de 1:200, uma vez que para este tipo de análise e objetos é a que se considera, dentro das limitações dimensionais, que permite obter uma melhor percepção do observador em termos de relacionamento dos elementos arquitetónicos representados na maquete de projeto.

Terminada a análise dos espaços públicos que nos propusemos estudar no âmbito desta dissertação, importa fornecermos agora uma conclusão pessoal, quer sobre a realidade atual dos mesmos, quer sobre o que eventualmente julgamos possa vir a acontecer aos mesmos se porventura não forem tomadas algumas medidas de foro arquitetónico que julgamos serem importantes.

Na relação entre os dois espaços, concluímos que representam para a cidade duas realidades distintas. A Praça Ferreira Tavares, tanto pela sua antiguidade, como pela delimitação própria, representa um espaço totalmente consolidado, que à parte pequenas modificações pontuais, manteve ao longo dos tempos uma identidade própria, sendo considerado de forma comum como o “Jardim Público” da cidade. Ao contrário da Praça Alameda 5 de Outubro, a qual representa um espaço não consolidado, que tem sofrido desde a sua criação diversas intervenções com reformulações arquitetónicas significativas. Talvez por isso, não seja ainda considerado pelo público em geral um espaço característico e de relevo no contexto da malha urbana da cidade. Por outro lado, o primeiro espaço assume uma forma bem definida desde a sua criação, sendo a base retangular um elemento caracterizador do mesmo. No que concerne ao espaço propriamente dito, os elementos que o preenchem são na sua maioria elementos naturais (pequenos canteiros, lago, plantas, flores e árvores), e talvez daí a imagem concebida de “Jardim Público”. No entanto, não deixa de ser um espaço que pela sua forma e envolvente se caracteriza como fechado, ao contrário do que acontece com o espaço aberto característico da Praça da Alameda, o qual tem assumido diversas formas visuais ao longo da sua existência. Também a nível dos elementos caracterizadores, este último espaço difere de forma significativa do anterior. Para além da existência de alguns elementos naturais, sobressaem outros elementos como o seu coreto e toda a pavimentação em lajetas de granito, conferindo-lhe assim uma dimensão

mais fria e vazia. Por outro lado, se o jardim é mais procurado como espaço de eventual repouso, o espaço da Praça da Alameda é na sua atual concepção mais utilizado como elemento de passagem e comunicação entre os elementos que o envolvem.

Atualmente, e da nossa análise, consideramos que estes dois espaços, centrais à cidade, tendem a tornar-se cada vez mais como espaços “mortos”, tanto em termos de movimento social como de movimento económico. Apesar das mais recentes intervenções arquitetónicas levadas a cabo no espaço da Praça da Alameda 5 de Outubro, podemos constatar que o número e diversidade de estabelecimentos comerciais envolventes aos espaços tendem a diminuir progressivamente, notando-se claramente que a movimentação existente nos mesmos se deve essencialmente ao seu posicionamento geográfico como elementos centrais aos eixos de comunicação da cidade. Esta realidade pode em parte justificar-se pelas decisões de planeamento urbanístico que têm sido tomadas ao longo dos últimos anos. De facto, verificou-se um acentuado crescimento da cidade na parte Sul, em especial no que se refere ao edificado habitacional, o que de forma natural acabou por implicar uma deslocação a nível de estabelecimentos comerciais, passando a existir uma maior movimentação tanto económica como social nesta nova parte da cidade. Este movimento foi ainda mais reforçado pela implementação nesta zona da cidade do seu parque escolar (agrupamento de escolas de Albergaria-a-Velha), do Centro de Saúde e das instalações desportivas da cidade (piscina municipal, pavilhão desportivo, campos de futebol e ténis, etc.).

Tendo em conta a atual realidade descrita anteriormente, pensa-se que é importante tomar algumas medidas de foro arquitetónico que possam de algum modo dinamizar e revitalizar este espaço carismático e central da cidade. Consideramos que a medida que recentemente foi tomada pelo executivo camarário de renovar e remodelar o atual espaço do mercado municipal do Concelho poderá em parte fomentar essa dinamização. Em especial, pelo facto de que, para além da remodelação desse espaço, serão adicionadas ao mesmo um conjunto de infraestruturas permitindo a coexistência do tradicional mercado com estabelecimentos comerciais e esplanadas. Contudo, julga-se que esta medida só por si não será suficiente.

Da análise realizada neste trabalho destacamos uma medida que no nosso entender poderia ter efeitos positivos para a concretização da referida dinamização – o aproveitamento do espaço relativo à linha férrea e à respetiva estação, os quais se encontram hoje completamente desaproveitados e não constituem um elemento de atração, bem pelo contrário. A remodelação deste espaço, com a sua utilização como infraestrutura de suporte a atividades culturais e desportivas seria por certo um excelente meio de concretizar a dinamização tão desejada. Em especial, o aproveitamento do espaço para a disponibilização de infraestruturas desportivas, em particular as de cariz mais radical, constituiriam um elo de atração e ligação às gerações mais novas. Ainda, em termos de novas medidas, consideramos que seria importante estabelecer uma melhor ordenação a nível dos espaços de estacionamento, bem como definir uma melhor política em termos de circulação de veículos. Isto seria especialmente importante para a Praça Ferreira Tavares uma vez que nas vias que a circundam não existe ainda qualquer tipo de sinalética horizontal.

De forma a melhor aferirmos sobre a adequação das medidas acima sugeridas realizámos entrevistas a alguns dos comerciantes cujos estabelecimentos se encontram

na envolvente das praças (ver Anexo IV). Nesta entrevista procurámos auscultar a opinião dos comerciantes sobre a modificação a nível da movimentação nestas praças, bem como se considerariam importante a tomada de alguma medida em especial para dinamização e revitalização destes espaços públicos, e por conseguinte das atividades económico-sociais. Da análise das entrevistas realizadas concluímos pela pertinência das medidas que propusemos. De facto, a quase totalidade dos entrevistados considera que o movimento, tanto social como comercial, tem vindo a diminuir progressivamente ao longo dos anos, em especial na Praça Alameda 5 de Outubro (em relação à Praça Ferreira Tavares as opiniões são de que não se notam diferenças). O único entrevistado que referiu existir um aumento encontra-se em atividade nesta praça há menos de um ano, daí esta opinião pontual. Mais ainda, quase todos consideram que devem ser tomadas novas medidas, referindo entre as medidas a tomar o incremento do número de atividades públicas exteriores a realizar nos espaços, bem como o aumento do número de sessões de cinema a realizar no Cineteatro Alba. Para além disso, alguns comerciantes consideram que deveria ser incrementado o número de atividades desportivas a realizar no espaço público, pois é algo que pode sem dúvida dinamizar toda a zona. Quanto à circulação de veículos, alguns deles referem mesmo que as vias circundantes às praças mais parecem vias de comunicação automóvel do que propriamente um espaço público central à cidade.

Referências Bibliográficas

- Albergue – História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha, Município, 2014
- Bachelard, Gaston. A Poética do Espaço. Martins Fontes, 1993
- Corbusier, Le. O Modulor. ORFEU NEGRO, 2010
- Dédalo #9, Place: Tess
- Ferreira, Delfim. Albergaria-a-Velha, da monarquia à república 1910, ADERAV, 2010 (Capítulos: VII, XII, XIII, XVI)
- Gehl, Jan. La humanización del espacio urbano - La vida social entre los edificios, EUA 9, Editorial Reverte, 2006
- Gibson, James J. The Perception of the Visual World. Boston: Houghton Mifflin, 1950
- Guggenheim Lab, 100 Urban Trends
(<http://www.bmwguggenheimlab.org/100urbantrends/>)
- Hall, Edward T. A Dimensão Oculta. Relógio d'Água, 1986
- Koolhaas, Rem. 3 Textos sobre a cidade, Gustavo GILI, 2010
- Meiss, Pierre von. De la Forme au Lieu - Une Introduction à l'Étude de l'Architecture. PPUR
- Memórias do Cineteatro Alba; Promotor - Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha
- Mishkin e Appenzeller. The Anatomy of memory: Scientific American, 1987
- Pallasmaa, Juhani. The eyes of the skin - Architecture and Senses. Other wiley Editorial Offices, 2005
- Pinho, António Homem Albuquerque, Albergaria-a-Velha, Oitos Séculos - do Passado, Editora Reviver, 2001
- Rasmussen, Steen Eiler, Arquitetura Vivenciada, 2007
- RP- Revista Património - Número Dois - Nov. 2014
- Otto, Frei, complete works : lightweight construction, natural design. Basel : Birkhauser, 2005
- Távora, Fernando. Da Organização do Espaço. Série 2. Argumentos, Faup, 2006
- Zevi, Bruno. Saber ver a Arquitectura. Arcádia, 1966

Referências de Imagens

Figura 1 – Paris, França (Foto: Bruna Melo, 2012).....	16
Figura 2 – Paris, França (Foto: Bruna Melo, 2012).....	16
Figura 3 – Espaço em Wroclaw, Polónia (Foto: Bruna Melo, 2012).....	17
Figura 4 – Largo Dona Teresa (Foto: Bruna Melo, 2014).	18
Figura 5 – Avenida da Praça Nova (Pinho, 2001, p. 40).....	19
Figura 6 – Configuração da Alameda Dr. António Oliveira Salazar (Extraído da Coleção Duarte Machado).	20
Figura 7 – Antiga praça Ferreira Tavares (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a- Velha, Bilhetes Postais de Albergaria-a- Velha, Edição de Bernardino Maria da Costa, (PT/CMALB/BPALB-BMC/2)).	21
Figura 8 – Perspetiva da praça Ferreira Tavares virado para poente (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).	21
Figura 9 – Perspetiva da praça Ferreira Tavares virado para nascente (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Bilhetes Postais de Albergaria-a-Velha, Edição da Casa da Alameda, n.º 3 (PT/CMALB/BPALB-CALM/3)).	22
Figura 10 – Atual praça Ferreira Tavares (Foto: Bruna Melo, 2015).....	22
Figura 11 – Praça Salazar (Extraído da Coleção Duarte Machado).	23
Figura 12 – Cineteatro Alba (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).	23
Figura 13 – Alameda (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Bilhetes Postais de Albergaria- a-Velha, Edição da Casa da Alameda, n.º 4 (PT/CMALB/BPALB-CALM/4).	24
Figura 15 – Pormenor de um dos extremos da Praça da Alameda (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).	25
Figura 16 – Primeira construção do Coreto (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).	25
Figura 17 – Construção na Praça de um edifício de restauração (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).	26
Figura 18 – Vista geral da antiga Praça de Alameda 5 de Outubro.	26
Figura 19 – Vista geral da atual Praça de Alameda 5 de Outubro (Foto: Bruna Melo, 2016).	26
Figura 20 – Antiga fachada da Igreja Matriz (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).	27
Figura 21 – Atual fachada da Igreja Matriz (Foto: Bruna Melo, 2016).	27
Figura 22 – Alçado da fachada dos Paços do Concelho de Albergaria-a-Velha (Pinho, 2001, p.40).	28
Figura 23 – Edifício da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha em remodelação (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).	29
Figura 24 – Atual configuração da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).	29
Figura 25 – Alçado da Estação Ferroviária, autoria: Bruna Melo.	30
Figura 27 – Teatro Albergariense (Extraído da Coleção Duarte Machado).	31
Figura 28 – Antigo Cineteatro Alba (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias).	32
Figura 29 – Atual Cineteatro Alba (Foto: Bruna Melo, 2016).	32
Figura 30 – Planta do Rés-do-Chão do Teatro Antigo (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Cineteatro (PT/CMALB/CTA)).	33
Figura 31 – Planta do piso superior (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Cineteatro (PT/CMALB/CTA)).	33
Figura 32 – Antigo Palco (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias (PT/CMALB/CTA)).	33
Figura 33 – Antigas Planteias (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias (PT/CMALB/CTA)).	33
Figura 34 – Corte Longitudinal do Teatro Antigo (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Cineteatro (PT/CMALB/CTA)).	34
Figura 35 – Corte Transversal do Teatro Antigo (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Cineteatro (PT/CMALB/CTA)).	34

Figura 36 – Antiga Sala (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias (PT/CMALB/CTA)).	34
Figura 37 – Antigo Foyer (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Fotografias (PT/CMALB/CTA)).	34
Figura 38 – Alçado principal do Teatro Antigo (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Cineteatro (PT/CMALB/CTA)).	35
Figura 39 – Alçado lateral (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Cineteatro (PT/CMALB/CTA)).	35
Figura 40 – Alçado posterior e Alçado lateral esquerdo (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Cineteatro (PT/CMALB/CTA)).	35
Figura 41 – Atual palco e planteias (Foto: Bruna Melo, 2016).	36
Figura 42 – Planta do Rés-do-Chão do Teatro Alba (Foto: Bruna Melo, 2016).	36
Figura 43 – Foyer (Foto: Bruna Melo, 2016).	36
Figura 44 – Planta do piso superior (Foto: Bruna Melo, 2016).	36
Figura 45 – Casa com N.º1 do Concelho de Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2016).	37
Figura 46 – Casa e Capela de Santo António no Concelho de Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2016).	38
Figura 47 – Casa do antigo Posto Médico do Concelho de Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2016).	39
Figura 48 – Castelo da Boa Vista (Biblioteca Municipal) do Concelho de Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2016).	40
Figura 49 – Casa N.º8 do Concelho de Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2016).	41
Figura 50 – Casa Quinta da Fonte no Concelho de Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2016).	41
Figura 51 – Casa do Mouro no Concelho de Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2016).	42
Figura 52 – Casa da família Vidal no Concelho de Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2016).	42
Figura 53 - Evolução populacional das Freguesias do Concelho de Albergaria-a-Velha entre 1960 – 2011.	44
Figura 54 - Evolução da estrutura etária do Concelho entre 1960 – 2011.	45
Figura 55 – Zona circundante da Praça Ferreira Tavares (Fotos/Plantas: Bruna Melo, 2016).	50
Figura 56 – Zona circundante da Praça Alameda 5 de Outubro (Fotos/Plantas: Bruna Melo, 2016).	51
Figura 57 – Zona interna característica da cidade (Fotos/Plantas: Bruna Melo, 2016).	52
Figura 58 - Estrutura urbana com densidade e características mais recentes (Fotos/Plantas: Bruna Melo, 2016).	53
Figura 59 – Planta de Comparação Temporal – Escala 1/5000 (adaptado de SIG Albergaria-a-Velha).	54
Figura 60 – Planta Parcial da Cidade – Escala 1/5000 (extraído do SIG de Albergaria-a-Velha).	55
Figura 61 – Análise comparativa das características de ambas as praças (Planta: Bruna Melo, 2016).	59
Figura 62 – Utilização pelos munícipes do espaço público da Praça Ferreira Tavares (Foto: Bruna Melo, 2015).	60
Figura 63 – Comparação entre praças: espaço público aberto vs. espaço público fechado (Fotos: Bruna Melo, 2016).	61
Figura 64 – Infraestruturas de suporte a transportes alternativos (Foto: Bruna Melo, 2016).	62
Figura 65 – Nova infraestrutura de luminárias na Praça Alameda 5 de outubro (Fotos: Bruna Melo, 2016).	62
Figura 66 – A Praça da Alameda 5 de outubro como espaço de lazer (Foto: Bruna Melo, 2016).	63
Figura 67 – As cores de Portugal (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).	68
Figura 68 – Janelas místicas (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).	69
Figura 69 – Varandas chamativas (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).	70
Figura 70 – Ala Portista da Tavares (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).	71
Figura 71 – Edifício dos Paços do Concelho (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).	72
Figura 74 – Tribunal da Comarca (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).	75
Figura 75 – Ala Benfiquista da Alameda (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).	76
Figura 76 – Estação ferroviária (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).	77
Figura 77 – Bloco habitacional e comercial (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).	78
Figura 78 – Cineteatro Alba (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).	79
Figura 79 – Ala Sportinguista da Alameda (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).	80
Figura 80 – Uma salsada arquitetónica de formas (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).	81

Figura 81 – Uma salsada arquitetónica de materiais (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).	82
Figura 82 – Uma vivência de proximidade no contexto urbano (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).	83
Figura 83 – Diversidade de elementos (Fotos/Planta: Bruna Melo, 2016).	84
Figura 84 – Planta da Praça São Lázaro – Porto (extraído: http://doportoenaoso.blogspot.pt/2015/02/o-jardim-que-foi-primeiro-da-cidade-2.html).	85
Figura 85 – Praça Ferreira Tavares (Foto: Bruna Melo, 2016).	85
Figura 86 – Imagem da Praça Poveiros – Porto (extraído: http://street4all.blogspot.pt/2013/03/passeio-de-sao-lazaro-e-praca-dos.html).	86
Figura 87 – Imagens da Praça 2 de Maio – Viseu (extraídos: https://www.publico.pt/2015/10/08/local/noticia/ha-17-ideias-para-reinterpretar-praca-com-assinatura-de-siza-vieira-em-viseu-1710532).	86
Figura 88 – Foto da vista inferior da Trindade (Foto: Bruna Melo, 2012).	87
Figura 89 – Foto da vista superior da Trindade.	87
Figura 90 – Foto vista área da Trindade.	87
Figura 91 – Planta da Trindade (Planta: Bruna Melo, 2012).	88
Figura 92 – Planta de Alameda 5 de Outubro (Planta: Bruna Melo, 2016).	89
Figura 93 – Espaço em Valência (Foto: Bruna Melo, 2011).	90
Figura 94 – Espaço em Valência (Foto: Bruna Melo, 2011).	90
Figura 95 – Espaço em Valência (Foto: Bruna Melo, 2011).	90
Figura 96 – Espaço em Valência (Foto: Bruna Melo, 2011).	90
Figura 97 – Espaço em Polónia (Foto: Bruna Melo, 2012).	91
Figura 98 – Espaço em Polónia (Foto: Bruna Melo, 2012).	91
Figura 99 – Espaço em Polónia (Foto: Bruna Melo, 2012).	92
Figura 100 – Espaço em Polónia (Foto: Bruna Melo, 2012).	92
Figura 101 – Google maps vs Maquete do espaço central.	93
Figura 102 – Parte Sul da maquete (zona de seguimento da parte nova da cidade)	94
Figura 103 – Malha habitacional da zona Nordeste da cidade.	94
Figura 104 – Malha habitacional da zona Noroeste da cidade.	95
Figura 105 – Zona central ocupada pela estação e linha ferroviária.	95
Figura 106 – Bilbao, Espanha (Foto: Bruna Melo, 2010).	96
Figura 107 – Sevilha, Espanha (Foto: Bruna Melo, 2010).	96
Figura 108 – Praga, República Checa (Foto: Bruna Melo, 2012).	96
Figura 109 – Gdańsk, Polónia (Foto: Bruna Melo, 2012).	96
Figura 110 – Verona, Itália (Foto: Bruna Melo, 2014).	97
Figura 111 – Ferrara, Itália (Foto: Bruna Melo, 2014).	97
Figura 112 – Vicenza, Itália (Foto: Bruna Melo, 2014).	97
Figura 113 – Basel, Suíça (Foto: Bruna Melo, 2015).	97
Figura 114 – Veneza, Itália (Foto: Bruna Melo, 2014).	98
Figura 115 – Amesterdão, Holanda (Foto: Bruna Melo, 2015).	98
Figura 116 – Alçado Nordeste (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Câmara Municipal (PT/CMALB/CA)).	112
Figura 117 – Alçado Sudoeste (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Câmara Municipal (PT/CMALB/CA)).	112
Figura 118 – Alçado Noroeste e Sudeste (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Câmara Municipal (PT/CMALB/CA)).	112
Figura 119 – Planta do Rés-do-Chão (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Câmara Municipal (PT/CMALB/CA)).	112
Figura 120 - Planta do 1ºAndar (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Câmara Municipal (PT/CMALB/CA)).	112
Figura 121 – Espaço em Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2011).	114
Figura 122 – Espaço em Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2011).	114

Anexos

Anexo I - Relatório da Visita à Secção Urbanística da Câmara Municipal

Efetua-se neste relatório um breve resumo sobre a visita efetuada à secção urbanística da **Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha** para obtenção de dados e documentação a utilizar na realização da dissertação de mestrado.

Inicialmente foi enviado ao Presidente da Câmara um pedido de acesso à informação e documentação constante e disponível no referido município e relativa ao espaço público central da cidade de Albergaria-a-Velha, nomeadamente a **Praça Ferreira Tavares** e a **Praça 5 de Outubro**. Obtida a autorização, foram contactados os departamentos específicos. Neste caso, o Arquivo Municipal e a Divisão de Planeamento, Gestão Urbanística e Requalificação.

Ao **Arquivo Municipal** foram solicitados os seguintes elementos informativos:

- ✓ As várias plantas heliográficas existentes em arquivo;
- ✓ Documentação e fotografias relativas às diferentes épocas e ocupações dos espaços relacionados com a Praça 5 de Outubro e a Praça Comendador Ferreira Tavares;
- ✓ Planta de Albergaria do ano de 1960 e documentação onde se possa perceber como era a cidade de Albergaria-a-Velha à 50 anos atrás;
- ✓ Documentação sobre as várias casas do início do século XX existentes no e que pertenciam a antigos emigrantes e que voltaram às suas origens fazendo benfeitorias;
- ✓ Fotografias relativas ao edifício da Câmara que permitam perceber a evolução arquitetónica do mesmo ao longo da sua existência;
- ✓ Documentação onde se possa encontrar informação sobre lugares simbólicos da envolvente das praças (habitações como casa Dr. Pinto e edifícios como a Junta de freguesia, Câmara Municipal, Tribunal, Cineteatro, Estação Ferroviária, Mercado Municipal, Igreja Paroquial, Arquivo (antiga prisão), Biblioteca Municipal).

Em relação à **Divisão de Planeamento, Gestão Urbanística e Requalificação** foram solicitados os seguintes dados:

- ✓ Planta do Cineteatro
- ✓ Plantas Topográficas à escala 1:200
- ✓ Estudos existentes e relativos às praças acima referidas.

Como elementos de estudo inicial foram consultados os seguintes **livros** da autoria do Dr. Delfim Bismark, atual Vereador do Município:

- ✓ Albergue: História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha
- ✓ Albergaria-a-Velha: Monarquia e República 1910

Com base nesta bibliografia inicial foi efetuada uma leitura a fim de obter as informações mais relevantes em termos dos principais edifícios públicos simbólicos, das praças objeto de estudo da dissertação, da rede viária e férrea e da Igreja Paroquial.

Está-se agora a efetuar uma análise das obras participativas, que são a Praça Alameda 5 de Outubro e o novo Mercado Municipal.

Anexo II - Entrevistas Realizadas aos Arquitetos da Câmara Municipal

Bruna Melo: Gosta do trabalho que desenvolve e da forma como é realizado o trabalho no município de Albergaria-a-Velha?

Arquiteta Conceição Silva: Uma das coisas que mais gosto no trabalho que desenvolvo é o facto de fazer uma arquitetura para as pessoas, para o público, ou seja, uma função pública. Mas existe depois outra parte que já não gosto tanto, pois por vezes gostaríamos de fazer algumas obras que não nos é possível dado que se tratam somente de obras municipais, apesar de por vezes podermos realizar alguma reabilitação urbana.

Arquiteta Mónica Bandeira: Gosto muito do trabalho que desenvolve no município de Albergaria-a-Velha. Trabalho cá há 17anos, e tive a oportunidade de trabalhar em várias áreas do nosso ramo, arquitetura e urbanismo. A forma como é realizado o trabalho permite, nesta fase da minha carreira, alguma autónoma e confiança. Às vezes estamos limitados em questões orçamentais, mas ao mesmo tempo torna-se um desafio para pôr a imaginação a funcionar e arranjar soluções mais económicas, sem perder o seu carácter funcional. Gostaria de trabalhar com equipas pluridisciplinares e partilhar com entidades externas que fazem parte dos processos de construção e planeamento.

Bruna Melo: Considera que o facto de se tratar de um município de menor dimensão altera em algum aspeto a forma como trabalha?

Arquiteta Conceição Silva: Acho que é muito bom trabalharmos num município mais pequeno, em que todas as pessoas se conhecem, discutimos as coisas. No entanto, num município de maior dimensão é tudo muito mais impessoal, não existe a possibilidade de tanto contacto.

Arquiteto Eduardo Ferreira: Eu vejo câmaras no interior do país em que os recursos disponíveis são mais bem utilizados do que no litoral. Não sei a razão, mas de facto isso acontece. Penso que talvez seja uma questão cultural.

Arquiteta Mónica Bandeira: Claro que altera, um município de menor dimensão permite um controlo maior sobre as situações, um conhecimento mais alargado de todo o território e a possibilidade de serem exequíveis mais facilmente as intenções

estratégicas pretendidas. Assim, como existirem menos arquitetos e termos a possibilidade de poder desenvolver mais projetos.

Bruna Melo: Que oportunidades lhe deram como arquiteto ao trabalhar numa instituição como esta - uma autarquia?

Arquiteta Conceição Silva: Bem, na realidade oportunidades ainda não tive muitas. Realizei algumas obras, mas poucas. E obras grandes gostaria de realizar mas ainda não tive oportunidade.

Arquiteto Eduardo Ferreira: A mim deram-me todas as oportunidades para trabalhar como arquiteto neste município.

Arquiteta Mónica Bandeira: A oportunidade de se poder projetar edifícios públicos, planear a cidade e “viver” os problemas de uma forma realista e não utópica. Todo o arquiteto devia fazer um estágio numa câmara, “Conviver” com as leis.

Bruna Melo: Quais diria que são as virtudes/vantagens em trabalhar num câmara/autarquia?

Arquiteta Conceição Silva: É a parte pública, é sempre a parte pública. O estar a fazer um serviço para o público, para as pessoas.

Arquiteto Eduardo Ferreira: Para mim a grande vantagem de trabalhar numa Câmara é poder fazer a diferença para as pessoas. Eu trabalho numa autarquia onde acho que posso valorizar a vida das pessoas. Aliás, eu acho que como arquitetos numa Câmara deveríamos de estar a promover o bem-estar público.

Bruna Melo: E que desvantagens apontaria?

Arquiteta Conceição Silva: A parte política para mim é uma grande desvantagem. Eu de facto não sei lidar muito bem com isso, mas é algo pessoal. Por outro lado, o facto de se ganhar pouco, e muitas vezes o trabalho que realizamos não é reconhecido. Podemos realizar uma obra importante, mas o nosso nome nunca aparece, é sempre o nome do município ou do político que aparece associado à obra.

Bruna Melo: Atualmente, em que projetos está ou esteve envolvido a nível de conceção e implementação de praças públicas, ou seja, espaços públicos?

Arquiteta Conceição Silva: Já há muito tempo que não faço nada assim de relevante. Realizei o projeto do Conservatório da JOBRA, a reabilitação da Rua de Santo António, e da rua dos correios. Mas de facto, ultimamente as obras têm estado paradas devido à conjuntura económica.

Arquiteta Mónica Bandeira: Pequenos arranjos urbanísticos em diversos pontos (freguesias) do Concelho e na zona central da cidade de Albergaria-a-Velha.

Bruna Melo: Se tivesse oportunidade, o que mudaria no município ao nível do trabalho envolvido na área da arquitetura? Alguma medida que considere que, por exemplo, não existindo restrições como as de carácter económico, seria interessante colocar em prática tendo em conta o contexto geoespacial do Concelho?

Arquiteta Conceição Silva: Se não existissem restrições a nível económico, acho que poderíamos realizar muitas coisas a nível da arquitetura do município. A nível do espaço

urbano (os passeios, os arruamentos, o trânsito), parques infantis, etc. A nível de parques infantis de facto realizo muitos trabalhos. Se houvesse dinheiro acho que qualquer arquiteto aqui no município gostaria de reformular todo o espaço.

Arquiteto Eduardo Ferreira: Quando se fala nisto era importante pensá-lo do ponto de vista da sustentabilidade. Por exemplo criar uma rede de transportes, tanto interna como externamente, bem estruturada acho que era fundamental existir. Mas será isso era sustentável? Na minha opinião desde que vim para este município existem dois pontos-chave que eu considerava, e ainda considero, como importantes. A criação de um aeródromo em Albergaria-a-Velha de forma a podermos trazer passageiros de Lisboa e Porto. E depois construíamos aqui um grande centro de diversões. Seríamos um centro de aventura e de diferença cultural da região centro do país. Uma das coisas que eu incentivaria nos espaços públicos era um incremento na colocação de estatuária e esculturas nos mesmos. Não temos tradição, embora no passado tivemos alguma, e acho que é uma forma de compor os espaços. Tem uma dupla vantagem: dá identidade aos espaços, e permite o agradecimento público aqueles que fizeram algo em prol da comunidade.

Arquiteta Mónica Bandeira: Valorizar o comércio local através da reabilitação urbana do espaço público envolvente com a criação de espaços de esplanadas vivencialmente apetecíveis que fomentassem a estadia da população. Fornecer os espaços públicos com mobiliário urbano adequado e diversificado às diferentes faixas etárias que permitam no mesmo espaço coabitarem diversas pessoas, desde idosos a crianças, dinamizando e reabilitando a vida nos espaços públicos. Construção do parque cidade, permitindo o fomento das atividades desportivas no centro da cidade, e criando um “pulmão” e espaço de inspiração a quem por lá andar. Trazer para Albergaria-a-Velha um polo universitário tendo em conta a localização geográfica estratégica do Concelho. Desenvolver um plano de pormenor para a zona industrial que melhore a atratividade da mesma, e permita a instalação de novas empresas. Localização de um PIN – Projeto de Interesse Nacional – no Concelho de Albergaria-a-Velha, permitindo assim ser uma referência a nível nacional e internacional tendo em conta o contexto geoespacial do Concelho.

Bruna Melo: Há quanto tempo trabalho neste município?

Arquiteta Conceição Silva: Já trabalho aqui á 25 anos.

Arquiteto Eduardo Ferreira: Comecei a minha carreira aqui e aqui vou terminá-la. Já lá vão 33 e meio, quase 34 anos.

Arquiteta Mónica Bandeira: Trabalho cá há 17anos.

Anexo III – Plantas e Alçados da Câmara Municipal



Figura 116 – Alçado Nordeste (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Câmara Municipal (PT/CMALB/CA)).

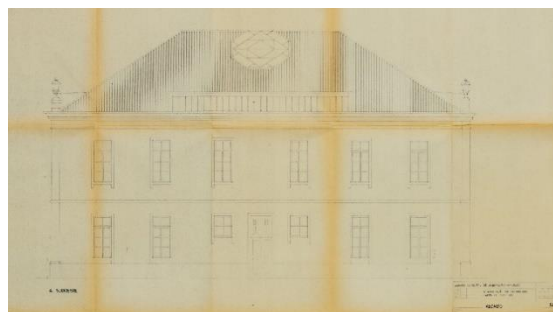


Figura 117 – Alçado Sudoeste (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Câmara Municipal (PT/CMALB/CA)).

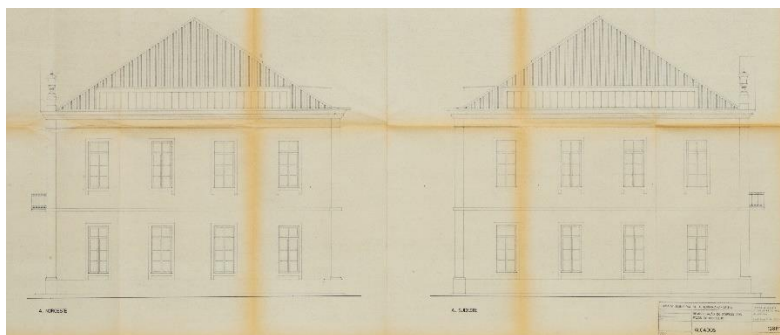


Figura 118 – Alçado Noroeste e Sudeste (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Câmara Municipal (PT/CMALB/CA)).

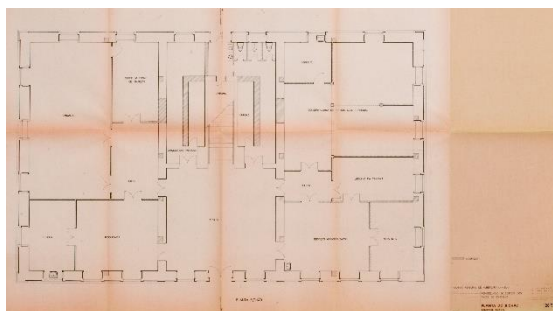


Figura 119 – Planta do Rés-do-Chão (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Câmara Municipal (PT/CMALB/CA)).

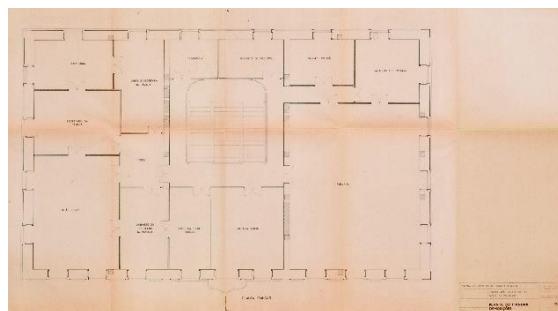


Figura 120 - Planta do 1º Andar (Extraído do Arquivo Municipal de Albergaria-a-Velha, Projectos de execução, Planta do Câmara Municipal (PT/CMALB/CA)).

Anexo IV – Entrevista aos Comerciantes das Praças

1. Desde que se recorda considera que existiu alguma modificação significativa a nível da movimentação nesta praça?
2. Considera necessário tomar alguma medida para dinamizar este espaço?
3. Se sim, que medida proporia?

Praça Alameda 5 de Outubro

Hermínia Moda - Hermínia Marques Lemos:

1. Diminui.
2. Considero que sim, devem ser tomadas medidas urgentemente.
3. Falta um ponto de encontro, algo que atraia para o centro de Albergaria, um café ou um bar.

Padaria Nova Alameda - Fernando Almeida:

1. Manteve ou diminui.
2. Sim, para melhorar.
3. Cinema aos domingos, só temos uma vez ao mês, comparado com Estarreja.

Be Glossy - Joana Vidal:

1. Diminui.
2. Sim, sem dúvida.
3. Realização de atividades para o exterior, por exemplo, o evento do “Lugar das Cores” podia realizar-se não num sítio fechado como atualmente mas sim no exterior.

MultiOpticas - Sara Silva:

1. Aumentou se analisamos a longo prazo, mas se analisamos no prazo curto diminui.
2. Muitas, no exterior e na rua.
3. Regressar as festas, que mudaram para Sul, perto das Piscinas Municipais.

Praça Ferreira Tavares

Dm 22 - Dalila Moutinho:

1. Manteve.
2. Sim.
3. Tipo feiras tradicionais aos domingos.

Florista - Ana Paula:

1. Não aumentou, sempre na mesma, manteve.
2. Não sei.

Vodafone - Joana Santos:

1. Aumentou.
2. Não.

Ocular Clinic - Sónia Rodrigues:

1. Não se nota diferença.
2. Sim.
3. Marcação de estacionamento.

Anexo V – Festival de Flores em Albergaria-a-Velha

O festival de flores teve como objetivo a interação entre a atividade de decorar as ruas com flores com uma orientação e organização num espaço onde no final foi realizado o desfile de moda da coleção de Primavera. Foi organizado pela Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, tendo como objetivo atrair o cidadão para a observação da decoração entre os edifícios e os espaços públicos, ou seja, a dinâmica própria do espaço. Entretanto, a participação do público realizou-se através de uma animação cultural. Pela participação da associação de Albergariótipos, foi realizado um concurso de fotografia. Ao longo do percurso das ruas existiram muitas decorações com diferenças texturais conferindo diferentes perceções da sensação do espaço. Esta análise teórica e exploração de observações referentes ao uso que a sociedade faz do espaço foi possível a vários níveis: da visão, da audição, do tato, e principalmente do paladar, permitindo a mútua convivência entre diferentes gerações. A observação de novos e antigos materiais (figura 1 e 2) através de uma nova forma permite que os antigos valores e vivências se tornem de novo visíveis e compreendidos.



Figura 121 – Espaço em Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2011).



Figura 122 – Espaço em Albergaria-a-Velha (Foto: Bruna Melo, 2011).

Neste tipo de pequenas cidades verifica-se que a realização deste género de eventos culturais constitui a forma principal de atrair a sociedade para os seus espaços públicos, sejam eles temporários ou não.

“(...) um neologismo que cria para designer o conjunto das observações e teorias referentes ao uso que o homem faz do espaço enquanto produto cultural específico.” (Hall, 1986, p. 11)

O principal objetivo deste evento foi a implementação e a organização de uma ação cultural onde existiu a possibilidade de explorar a relação entre a comunidade, e sobretudo a noção de utilidade e conforto.

“Que seja assim o arquiteto – homem entre os homens – organizador do espaço – criador de Felicidade” (Távora, 2006, p. 75).